

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Fábio Ferreira Gois Torres

A construção da identidade marginal no livro “Graduado em Marginalidade”: a Linguística Sistêmico-Funcional como ferramenta aos estudos críticos

MESTRADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA
LINGUAGEM

SÃO PAULO
2012

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Fábio Ferreira Gois Torres

A construção da identidade marginal no livro “Graduado em Marginalidade”: a Linguística Sistêmico-Funcional como ferramenta aos estudos críticos

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Prof^a Doutora Leila Barbara.

SÃO PAULO

Rua: Monte Alegre, 984- São Paulo/SP-CEP: 05014-901-Fone (11) 3670-8000

<http://www.pucsp.br>

Banca examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA

Torres, Fábio Ferreira Gois, *A construção da identidade marginal no livro "Graduado em Marginalidade": a Linguística Sistêmico-Funcional como ferramenta aos estudos críticos.* São Paulo: s.n., 2012.

Dissertação (Mestrado)

Área de concentração: Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Orientador: Leila Barbara

Linguística Sistêmico-Funcional, Identidade, Marginalidade

Autorização

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação de mestrado por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____ São Paulo ___ / ___ / ___

Aos meus pais, José e Maria

“Das águas do rio que tudo arrasta dizem ser violentas, mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem”.

Bertold Brecht

Agradecimentos

Ao CNPq pelo auxílio financeiro a esta pesquisa.

A minha orientadora, Leila Barbara, por ter sido tão paciente e amiga; por ter me ensinado como posso fazer a diferença, seja em sala de aula ou pesquisando; por ser um exemplo a todos os seus orientandos.

Agradeço de forma especial a Anna Rachel Machado, por me ensinar a importância das “palavrinhas”; pela amizade e pelas inúmeras discussões que tivemos em sala de aula e, principalmente, nos bares.

Aos professores Maria Otília e Orlando Vian, pelas inúmeras contribuições na qualificação.

A Maria Carmen Gomes Aires, por aceitar o convite da defesa e por me apresentar três pessoas maravilhosas : Luciane Dias, Renan Araújo Gomes e Alex Caldas.

A Maria Aparecida Lamas (Cidinha), a existência desta pesquisa passa por você, que me apresentou: Leila (a Bárbara).

Aos colegas do LAEL: Zélia, José Mário, Eva Rocha, Daniela Mattos, Dimitrios Papalexis, Erisana Victoriano, Maria Paula Wadt, Élide, Maria Eugênia, Juliana Sayão, Marisa Nascimento, Isadora Mota, Isadora Armani Soares e Fernanda Moraes.

Ao escritores Sacolinha e Buzo, que tão bem representam as periferias brasileiras.

Aos velhos e novos amigos que foram fundamentais durante todo o tempo: Carla Silva, Rodrigo, Edson, Romeu , Dino, Rodolfo, Kátia Piza, Meype

Nattielly, Marcela Xisto, Marisa Matos, Andressa, Camila, Fernanda, Viviane Silva e Priscila Brasil.

Aos alunos e professores do Cursinho Comunitário Chico Mendes.

A minha família.

Resumo

Esta dissertação, desenvolvida no LAEL da PUC/SP, está inserida na linha de pesquisa DIRECT- em direção à Linguagem do Trabalho, além de contribuir com o projeto SAL (Systemics across Languages). A base teórica é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), por ela, analiso o livro “*Graduado em Marginalidade*”, do escritor e morador de uma periferia, Sacolinha. O objetivo é discutir a mudança de identidade da principal personagem do romance. Com base na metafunção ideacional, componente experiencial (Halliday 1994), mostro como as escolhas léxico-gramaticais estão ligadas ao contexto e como se relacionam a mudança de identidade do jovem Burdão, que se transforma em um criminoso no decorrer do romance. A concepção de Linguística Aplicada Indisciplinar é fundamental para esta pesquisa, por entender a pesquisa como espaço político do pesquisador. A LA surge como grande interessada nos estudos da língua em uso e aponta que um linguista aplicado, ao realizar sua pesquisa deve ser crítico. Esta pesquisa, ainda, contribui com as discussões sobre antilinguagem (Halliday 1982), ao mostrar que a reconstrução identitária de indivíduos excluídos, poderá ser em uma anti-sociedade, como acontece com Burdão. As análises são realizadas com o apoio do instrumental metodológico da Linguística de Corpus (LC), através do Programa Computacional *WordSmith Tools* (Scott 2008).

Palavras chaves: linguística aplicada, linguística sistêmico-funcional, transitividade, Antilinguagem, linguística de corpus, marginalidade e identidade

Abstract

This dissertation developed at LAEL in PUC/SP is inserted into the research area DIRECT – em direção à Linguagem do Trabalho . The theoretical framework is the Systemic Functional Linguistics (SFL) which is here used to discuss the book “Graduado em Marginalidade” by Sacolinha, writer and resident of a periphery. The objective is to understand the changing of identity in the main character of the novel. Based on the experiential component of the ideational metafunction (Halliday 1994), I investigate the way the lexicogrammatical choices reveal the changing of identity of the young Burdão who becomes a criminal in the course of the novel. The concept of Indisciplinary Applied Linguistics (IA) acting in the contemporaneity is key for this research, for understanding the political role of the researcher. The Applied Linguistics emerges as of great interest in the studies of the language in use and points out that an applied linguist conducting one’s study must be critical. This research also contributes to discussions about anti-language (Halliday 1982), showing that the reconstruction of the identity of excluded individuals, can be in an anti-society environment, as what happens to Burdão. The analyzes are performed with the support of the methodological tools of Corpus Linguistics (CL), through the computational programme WordSmith Tools (Scott 2008).

Kew Words: applied linguistics, systemic functional linguistics transitivity, anti-language, corpus linguistics, marginality and identity

Sumário

Introdução	1
1- Fundamentação Teórica	7
1.1 Concepções da linguística aplicada na contemporaneidade	7
1.2 Linguística Sistêmico-Funcional	11
1.2.1. O Contexto	14
1.2.2 As metafunções	16
1.2.3 O Sistema de Transitividade	17
1.2.4 Antilinguagem	21
1.3 Concepção sobre de identidade	26
2- Metodologia	31
2.1- Concepção metodológica	31
2.2- Objetivos e perguntas de pesquisa	34
2.3- Coleta, Armazenamento e Procedimentos do WordSmith	34
2.4 Categorias de análise dos Dados	37
3- Apresentação dos dados e discussão dos resultados	41
3.1 Primeira fase: Burdão como trabalhador e estudante	43
3.2. Segunda fase: Burdão perseguido e encarcerado	50
3.3. Terceira fase: Burdão como criminoso	57
Considerações Finais	63
Referências	69
Anexos	73

Índice de Figuras

Figura 01: Contexto de cultura, contexto de situação e metafunções	17
Figura 02: os tipos de processos	18
Figura 03: Lista de palavras	35
Figura 04: Concordância	36
Figura 05: Colocados da palavra Burdão	37

Índice de quadros

Quadro 1: Resumo dos tipos de processos	19
Quadro 2: Categorias de análises	39
Quadro 3: Aparição e Porcentagem	40

Introdução

Esta pesquisa vincula-se ao grupo DIRECT- em direção à linguagem do trabalho, desenvolvido no departamento de Pós-Graduação de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O grupo DIRECT foi instituído no início da década de 90, com o objetivo de trabalhar com situações de comunicação na linguagem dos negócios, em inglês e português. Atualmente, é desenvolvido por diversos pesquisadores com distintos interesses. A base teórica do grupo é a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e a Linguística de Corpus (LC), dessa forma, esta pesquisa contribui com o grupo, analisando aspectos da linguagem no contexto de trabalho de um escritor de literatura.

A pesquisa ainda contribui com o projeto que SAL (Sistêmica através das línguas), que tem como objetivo a descrição de diversas línguas. Coordenado por Christian Mathiessen da Polytechnic University of Hong Kong (PolyU- Hong Kong) e Leila Barbara (PUC-SP), o projeto está em início e, atualmente, é desenvolvido em parceria com universidades da Argentina, Brasil e China.

Minha investigação refere-se a um tipo de trabalho literário que está ocorrendo nas periferias brasileiras, sob a alcunha de Literatura Marginal. Os escritores dessa literatura são moradores de comunidades pobres e, em seus textos, retratam experiências vivenciadas ao longo de suas vidas. Os escritores, chamados “escritores marginais”, produzem seus textos, valorizando seus locais de origem (comunidades), suas histórias, suas vidas e suas culturas.

A ideia da realização desta pesquisa surgiu quando comecei a organizar trabalhos sociais em comunidades. Ao conhecer alguns dos escritores, em saraus nas periferias de São Paulo, percebi que pessoas de diferentes idades, sem formação acadêmica ou, muitas vezes, sem escolaridade básica, organizavam e participavam ativamente da realização dos saraus, algumas organizando o espaço, outras apresentando seus textos e todos assistindo às apresentações.

Na mesma época, tive os primeiros contatos com as obras de autores da Linguística Aplicada (LA), dentre os quais, Moita Lopes (2008:27), que aponta a LA como “a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas”. Assim, nasceu o desejo de pesquisar a literatura marginal no âmbito da LA, pois poderia ser um “casamento perfeito” entre teoria e prática, uma vez que a literatura marginal está enraizada nas periferias e, por meio dela, podemos compreender outra forma de organização social, valorizando vidas que comumente são depreciadas socialmente por grupos majoritários e pelos veículos de comunicação.

Em diversas áreas do conhecimento houve pesquisas com literatura marginal ou algum outro tipo de produção artística da periferia. Moassab (2008), no campo da comunicação e semiótica, investigou o Hip-Hop como ferramenta de resistência social de jovens das periferias brasileiras; Nascimento (2006), na antropologia, investigou os escritores marginais no contexto de produção de suas obras; o livro de Ferréz (2005), *Amanhecer Esmeralda* é analisado por Vian Jr (2010), por meio da Análise Positiva do Discurso (APD), e por Magalhães e Novodvorski (2010), pela Análise Crítica do Discurso (ACD).

Esta pesquisa, por meio da LSF, investiga a transformação identitária de Burdão, a principal personagem do livro, para tanto, analiso a representação de mundo exposta no Livro “*Graduado em Marginalidade*”. Vale reforçar que algumas interpretações dos significados foram acessíveis devido ao meu pertencimento ao campo pesquisado.

Quando comecei a coletar dados para a realização desta pesquisa, procurei escritores cujas obras haviam sido publicadas e também aqueles que ainda não haviam publicado seus textos. Obtive permissão de todos, inclusive, a permissão do escritor Alessandro Buzo, que também conseguiu autorização da editora para ceder o livro *Guerreira*.

Por motivos relacionados à delimitação do corpus e ao tempo, decidi utilizar apenas o livro “*Graduado em marginalidade*” (2005), romance do escritor Ademiro Alves (Sacolinha). A escolha por este corpus teve duas motivações principais: (a) o escritor é um dos autores mais conhecidos da

periferia, produzindo textos que refletem o cotidiano da periferia; (b) o fato de este ser um dos autores da periferia que mais consegue acesso às mídias escrita e televisiva, com trabalhos publicados por editoras comerciais, o que possibilita ser, frequentemente, convidado a participar de programas de televisão, como, os Programas “Provocações”, na TV Cultura e “Programa do Jô”, na Rede Globo.

O escritor Sacolinha também organiza saraus, incentivando a produção cultural nas comunidades. Criou o projeto “Literatura no Brasil”, a partir da COOPERIFA (Cooperativa Cultural da Periferia), principal projeto de literatura na periferia, que é “um espaço em que taxistas, seguranças, professores, vendedores, desempregados, estudantes, *rappers*, dentre outros, desenvolvem suas habilidades artísticas - sobretudo poemas” (Nascimento, 2006:137). Desde 2004, Sacolinha trabalha na secretaria de Cultura da cidade de Suzano, estando à frente de muitos projetos culturais, conseguindo trazer para a cidade escritores como Inácio de Loyola Brandão, Moacyr Scliar, Ariano Suassuna, Fernando Gabeira entre outros.

Por ser um pesquisador envolvido politicamente, tenho como expectativa, no ato de realizar a pesquisa, “construir conhecimento que seja responsivo à vida social” (Moita Lopes, 2008:97). Assim como Sacolinha, também exerço um papel político na cidade de Suzano, por meio do projeto que fundei em 2008, chamado “Cursinho Pré-Universitário Chico Mendes”, que é, atualmente, o maior projeto comunitário da cidade, na área da educação, onde atendemos jovens da escola pública e os auxiliamos a ingressarem nas universidades, principalmente, nas públicas. Minha atuação política na cidade facilitou o diálogo com o escritor para a obtenção do corpus e discussões sobre a pesquisa.

Para realizar esta pesquisa, utilizo o arcabouço teórico da Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), cujo principal representante é Halliday (1985/1994). Essa abordagem permite analisar a linguagem em uso e como ela funciona enquanto um sistema de comunicação humana (Thompson, 1996:1), sempre condicionada ao contexto em que é produzida.

Rajagopalan (2004) sugere que o pesquisador não fuja dos problemas políticos deparados ao fazer a pesquisa, portanto, minhas inquietações

políticas ficam evidenciadas, por isso sou um pesquisador crítico. Pennycook (1998) e Fairclough (2001) apontam, ao investigador crítico, a importância de assumir um projeto moral e político tendo como meta uma mudança social. Para tanto, é imprescindível que nós pesquisadores “rompamos com os modos de investigação que sejam associais, apolíticos e a-históricos” (Pennycook 1998: 46).

A perspectiva crítica entende que não há neutralidade na realização da pesquisa, ou seja, a seleção teórica e metodológica feita, nesta investigação, valoriza a periferia. Meu compromisso político com as comunidades levou-me a selecionar uma teoria linguagem funcionalista e não formalista, pois como explicitado por Matthiessen (1995).

os gramáticos formalistas trabalham freqüentemente com exemplos inventados e descontextualizados – a partir da poltrona do filósofo, enquanto que os gramáticos funcionalistas recorrem a estudos com textos reais em contexto – a partir do trabalho de campo do etnógrafo (Matthiessen, 1995: 64).

Matthiessen, nesta citação, dá o respaldo teórico e fomenta ainda mais o desejo da realização desta pesquisa, pois, ao estudar a literatura marginal, estou lidando com um texto produzido por pessoas de um setor da sociedade que, via de regra, nenhum ou pouco espaço têm na academia e, por meio desse corpus, estudo as principais características da linguagem de uma importante parcela da população brasileira que vive na periferia.

Para Kress (1998: 67) “o trabalho sobre o texto é encarado como uma explicação de fenômenos para além da frase, fora da frase, portanto para além e fora do domínio da linguística”, por isso o pesquisador de linguagem que tem como objeto a ser investigado um livro e em seu bojo há uma preocupação social, terá na Linguística Aplicada uma grande aliada, pois, como dito por Kress, a linguística (tradicional) não tem condições de explicar os fenômenos sociais envolvidos no texto.

Como mostro na fundamentação teórica, os conceitos de identidade discutidos tanto em Linguística Aplicada como nas Ciências Sociais são fundamentais para explicar a transformação identitária de Burdão. As análises realizadas explicitaram como ocorre a mudança de identidade da personagem principal no decorrer do romance. As personagens do livro refletem a realidade

de um mundo marginalizado, portanto, as relações são marcadas pelo antagonismo dos grupos sociais, construindo um cenário de tensão social.

Segundo Trotsky (2007), a arte, de forma direta ou indireta, reflete sobre vida e seus acontecimentos, por isso, é pressuposto nesta pesquisa, que a obra “*Graduado em marginalidade*” traz em si uma realidade experienciada por Sacolinha, ou seja, traz as experiências vivenciadas por um escritor que nasceu e viveu o dia-a-dia da periferia de São Paulo.

A partir das edições especiais da revista Caros Amigos (2001/2002/2004), os textos dos escritores começaram a sair das periferias, e tornaram-se conhecidos e, conseqüentemente, os escritores começaram a ganhar visibilidade, tanto na academia quanto na mídia.

Atualmente, os escritores mais conhecidos da periferia são Alessandro Buzo, Ferréz, Sergio Vaz e Sacolinha, todos atuantes em suas comunidades, por meio dos seus projetos sociais: *COOPERIFA*, *1Dasul* e *Literatura no Brasil*, organizados, respectivamente, por Sérgio Vaz, Ferréz e Sacolinha.

Segundo Nascimento (2006), o termo literatura marginal não é novo, existe desde os anos 70, mas naquele contexto estava ligado à literatura produzida pela classe média, enquanto a Literatura marginal de hoje traz o universo da periferia.

A consciência de classe também é um fator na literatura produzida pelos escritores da literatura marginal, como se pode observar em Ferréz.

“um dia a chama capitalista fez mal a nossos avós, agora faz mal a nossos pais e no futuro vai fazer a nossos filhos, o ideal é mudar a fita, quebrar o ciclo da mentira dos “direitos iguais”, da farsa dos “todos são livres” agente sabe que não é assim, vivemos isso nas ruas, sob os olhares dos novos capitães do mato, policiais que são pagos para nos lembrar que somos classificados por três letras classes: C,D,E (Ferréz,2005:10)

Para esta pesquisa não é relevante discutir as concepções teóricas sobre a caracterização da literatura marginal porque optei pela generalização, pois entendo que todos os escritores das periferias, independente da terminologia, compartilham a mesma realidade. Grosso modo, pode-se afirmar que os escritores autodenominados escritores marginais, o fazem por autoafirmação, mas é imprescindível informar que entre os escritores há certa divergência. Há escritores que reivindicam a si próprios a denominação de escritores de literatura periférica; outros, preferem o termo de escritores

marginais; e hoje, já se fala em literatura de rua. Em uma entrevista¹ intermediada por mim, entre o escritor Sacolinha e a Jornalista da Revista Almanaque Brasil, Jaqueline Olgliari, Sacolinha disse que sua obra pertence à literatura, sem nenhum adjetivo; entende ainda que a abordagem e a temática do escritor dependem da sua experiência com o mundo. Assim, ele, como escritor e morador da periferia, traz para a obra literária as experiências vividas dentro desse contexto.

Com esse propósito, apresento na seqüência, as seções do trabalho: Fundamentação Teórica da pesquisa, mostrando uma visão geral da LSF, detendo-me mais detalhadamente na metafunção ideacional que será o fio condutor das análises; na seqüência, explico a abordagem metodológica para tratamento do corpus; depois apresento o capítulo de análises; em seguida as considerações finais; e, finalmente, as referências bibliográficas.

¹ A discussão sobre a literatura marginal feita pelo escritor não foi publicada na íntegra, mas é uma importante discussão por ele apresentada. O que foi publicado pode ser encontrado no site: http://www.almanaquebrasil.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10737:nas-ruas-as-palavras-sao-mais-fortes&catid=12987:especial&Itemid=217 (último acesso em 08/08/2011)

1-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“The language of power depends on the power of language” M.A.K Halliday

Este capítulo está dividido em três partes. Em primeiro Lugar, apresento estudos desenvolvidos nos últimos anos em Linguística Aplicada na e sobre a contemporaneidade. Estes contribuíram para a afirmação da L.A como área interessada na sociedade, a partir da linguagem. Moita-Lopes (2008), Rajagopalan (2003/2008) e Pennycook (1998/2008) contribuem com a concepção do tipo de pesquisa em LA a que me proponho desenvolver. Em seguida apresento algumas reflexões sobre a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1978/1985/1994) base teórica e metodológica da pesquisa, traz em seu cerne a concepção de teoria social e política, preocupada com as relações humanas. Por fim, apresento a concepção de identidade que se relaciona a esta pesquisa.

1.1 Concepções da linguística aplicada na contemporaneidade

Esta pesquisa está filiada ao pensamento teórico de Moita-Lopes (1998/2008), que defende a LA como área indisciplinar; também, à concepção de Linguística Aplicada Crítica (LAC) como discutida por Pennycook (1998/2008) e Kress (1998) e à Linguística Crítica (LC) discutida por Rajagopalan (2003/2008).

Para Pennycook (1998:46), é imprescindível que nós pesquisadores “rompamos com os modos de investigação que sejam sociais, apolíticos e a-históricos”, por isso, nesta pesquisa, enfatizo o meu papel enquanto pesquisador e militante dos movimentos sociais que atua em unidade com grupos de escritores e músicos de comunidades.

Para Moita-Lopes (1998), o linguista aplicado precisa repensar sua prática de pesquisador, já que em LA a maioria dos pesquisadores fica dentro do limite disciplinar. Para tanto, sugere a LA Indisciplinar, onde a prática de pesquisa linguística ocorre por meio da interdisciplinaridade, ou seja, da relação entre disciplinas distintas, como por exemplo, o diálogo entre LA e

Ciências Sociais. Dessa forma, espera-se que o pesquisador tenha mais ferramentas para “construir conhecimento que seja responsivo a vida social” (Moita Lopes, 2008:97). É pressuposto da perspectiva indisciplinar que o conhecimento seja produzido em campo, portanto, o linguista aplicado produzirá conhecimento em campo e não levará uma teoria pronta ao campo para aplicá-la (Moita-Lopes 2008).

Para Moita-Lopes, “quem tenta operar de forma interdisciplinar, paga o preço da Indisciplina, dando, frequentemente, nas universidades em que imperam as áreas departamentalizadas, margens a incompreensões do que seja o trabalho interdisciplinar” (Moita-Lopes 1998:116). Essa reflexão é oportuna para esta pesquisa por dois motivos: (1) pela necessidade de desenvolvê-la, considerando a contribuição de outras áreas das ciências humanas, além de contribuir com as mesmas e (2) pelo fato de a teoria de base, a LSF, ser uma teoria nascida da interdisciplinaridade.

Moita-Lopes (1998:117) acrescenta que “o interdisciplinar envolve interesse e respeito pela voz do outro, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas ideias se coadunam com as perspectivas que se tenha”. Rajagopalan (2008), por sua vez, aponta que o papel do linguista deve ser repensado, pois é comum que este realize pesquisa despolitizada e firmada na concepção do neopositivismo.

Moita Lopes (2008) destaca, para Linguística Aplicada contemporânea quatro pontos essenciais:

- 1-a imprescindibilidade de uma LA híbrida ou mestiça;
- 2-a LA como uma área que explode a relação entre teoria e prática;
- 3- a necessidade de um outro sujeito para a LA: as vozes do sul;
- 4- a LA como área em que ética e poder são os novos pilares.

Por atuar sob os princípios da indisciplinaridade defendida por Moita-Lopes (2008), tenho como o mesmo princípio teórico e metodológico, dos linguistas críticos para os quais o pesquisador não deve ignorar as relações de poder estabelecidas na sociedade. Moita-Lopes (1998/2008) advoga por uma Linguística Aplicada sociocultural que interprete o mundo contemporâneo. Pode-se relacionar a LA indisciplinar às propostas dos linguistas críticos, uma

vez que ambas compartilham o interesse as vozes dos sujeitos pesquisados, bem como o universo sociocultural que os constituem.

Os pesquisadores críticos são, nas palavras de Rajagopalan (2008), “ativistas políticos”. Pennycook (1998) aponta ao investigador crítico que atua, a importância de assumir um projeto moral e político tendo como meta uma mudança social. Na mesma linha de pensamento, Fairclough (2001), aborda como o pesquisador pode intervir socialmente, a partir da pesquisa. Estes pesquisadores, independentemente de sua visão sobre a linguagem, compartilham a ideia de que não se constrói teorias para simplesmente desenvolvê-las ou apenas apresentar sua eficácia. Rajagopalan (2008) constrói um exemplo riquíssimo para dizer sobre a motivação de se realizar uma pesquisa. Para ele, realiza-se uma pesquisa sobre AIDS (por exemplo) para encontrar a cura e não para desenvolver teorias sobre AIDS.

Fairclough (2001:117) entende as ideologias como

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em varias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação (Fairclough, 2001:117).

Fairclough (2011) entende que a linguagem realiza as simbolizações ideológicas da sociedade e que as práticas discursivas são os veículos da construção ideológica no mundo.

A LAC, ainda que recente, alinha-se ao pensamento de Halliday, como veremos no correr da discussão da teoria LSF, portanto, as questões que envolvem o pensamento crítico, naturalmente, serão nela abordadas.

Discutir questões de ética e política na linguagem, para Rajagopalan (2003), significa entender a linguagem como fenômeno social porque “só se pode falar em ética quando estão em discussão ações interacionais praticadas por agentes humanos no exercício de sua livre e espontânea vontade” (Rajagopalan, 2003:15).

A saúde de uma disciplina se mede pela presteza com a qual ela consegue responder as novas realidades que surgem no mundo em que vivemos e pelo interesse que ela evidencia em atender aos anseios e preocupações típicos de cada época. O que certamente não equivale a dizer que os pesquisadores devem rever suas pesquisas conforme a opinião pública. Por outro lado, também não vejo nenhum mérito na postura adotada por certos setores de pesquisa, segundo a qual os pesquisadores devem trilhar seu próprio caminho, tomando decisões sobre os rumos futuros estritamente de acordo com interesses acadêmicos, com o que o mundo lá fora da academia pensa (Rajagopalan,2003:39)

Rajagopalan entende que os pesquisadores precisam ter como preocupação o mundo fora da academia. Esse pensamento reflete a concepção de pesquisa crítica nos dias atuais, pois, como também discutido por Moita-Lopes, pode-se compreender a necessidade da relação entre acadêmicos e público leigo deve ser estreitada, pois a produção de conhecimento se dá de diferentes formas, não apenas na academia.

Pennycook (1998) levanta importantes temas para a pesquisa em LA na atualidade, como por exemplo, os problemas sociais nos países onde as riquezas não são igualmente distribuídas, ou nas suas palavras, nos países de “terceiro mundo”. Pennycook compreende que o pesquisador inserido na perspectiva crítica expõe-se politicamente, pois, refletir sobre o trabalho realizado pelas bases culturais e ideológicas e não reforçar as desigualdades parece ser o grande desafio do pesquisador crítico. A concepção crítica de Pennycook abre caminho para LA engajada socialmente, com finalidade de politizar a academia.

Vivemos em um mundo marcado por desigualdades fundamentais: um mundo no qual morrem diariamente 40 mil crianças nos países do Terceiro Mundo; onde, em quase todas as sociedades e culturas as diferenças construídas a partir do gênero, raça, etnicidade classe, preferência sexual e outras distinções conduzem às desigualdades opressoras; um mundo cada vez mais ameaçado pela poluição e pelos desastres ecológicos. Creio que, para compreender tais iniquidades, precisamos ir além da visão que postula que a política é domínio dos estados-nação ou dos “líderes políticos” e nos perceber dentro de um conjunto de relações de poder que são globais em sua essência. Apesar da importância de levarmos em conta as relações internacionais, devemos ser cautelosos para não reduzi-las a uma descrição socioeconômica das forças do mercado mundial. Ao contrário, sugiro que consideremos, em vez disso, as bases culturais e ideológicas do nosso trabalho e das vidas, numa tentativa de compreender como essas bases podem perpetuar essas grandes iniquidades (Pennycook, 1998:23-24)

Na citação acima, o pesquisador levanta algumas problemáticas sociais aos linguistas aplicados. São temas presentes em todo o mundo, no entanto, mais visíveis em alguns países. Para estar à altura de um linguista crítico, lanço mão da concepção de Marx sobre a sociedade, a qual é construída por grupos sociais com interesses antagônicos.

Segundo Netto (2000), a teoria de Marx é sustentada por um tripé: (1) o método dialético; (2) a perspectiva da revolução; (3) a teoria do valor-trabalho, portanto, só existe se for considerada como um todo. Netto (2000) deixa claro que não se deve abandonar nenhum dos sustentáculos da teoria de Marx, como comumente ocorre na academia.

Para Marx e Engels (1987:6), “a história de toda a sociedade até hoje é a história de lutas de classes”. Por possuírem interesses antagônicos, segundo Marx e Engels, as classes sociais constroem uma relação de dominante e dominado. A primeira controla o Estado e, por meio deste, constrói suas ideologias e sua forma de dominação na sociedade sobre a classe dominada.

O termo crítico, nesta pesquisa, parte do pensamento de Marx e Engels que conseguiram aliar suas pesquisas teóricas a práticas de mudanças sociais em que acreditavam. Esta pesquisa alinha-se a teóricos, especialmente, aos pesquisadores críticos, os quais entendem que a realidade social precisa ser mudada. Tais teóricos trabalham para desenvolverem mecanismos em diversas disciplinas para construir mudanças sociais. Nesta pesquisa abordo discussões pertencentes à vida dos moradores de uma periferia paulista, trazendo em seu bojo, reflexões de um mundo vivenciado por pessoas comumente marginalizadas.

Nos estudos da linguagem, destacam-se, ainda, como trabalhos críticos, as pesquisas em Análise Crítica do Discurso (ACD) e, atualmente, o grupo de sistêmica em Sidney, dirigido por Martin, que vêm desenvolvendo a Análise Positiva do Discurso (APD). Martin (2004) aponta que a ACD desmitifica a ideologia dominante, no entanto, limita-se a desconstrução discursiva. Para Martin (2004) a APD complementa a ACD, pois além de desconstruir o discurso dominante, empodera e valoriza os grupos marginalizados.

Para Rajagopalan (2008: 163), “a ideia de que o trabalho do linguista não pode dar-se ao luxo de se considerar encerrado quando atingir um certo grau de adequação observacional ou descritiva”, é o ponto de convergência entre os teóricos críticos, portanto, ainda que haja divergência sobre a pesquisa crítica, há um denominador comum a todos os teóricos críticos .

1.2 - Linguística Sistêmico-Funcional

A LSF é uma teoria de natureza interdisciplinar, cuja construção, como teoria de linguagem, está ligada aos estudos de Firth, um dos mais renomados linguistas da década de 50 na Inglaterra, professor de Halliday e ao antropólogo Malinowski. Esses pesquisadores foram fundamentais para o

desenvolvimento da LSF, e pontos de partida da concepção hallidiana de linguagem.

Halliday (1982) organiza seu pensamento teórico a partir do “homem social”, ou seja, o indivíduo em seu ambiente social. O meio é entendido como social e físico, portanto, é nesta realidade que o homem social constrói seus significados e sua compreensão do mundo.

Para Halliday (1982), a sociedade tem-se preocupado com questões de planejamentos das cidades, destruição da natureza, contaminação das águas, renovação urbana, mas deixado de se preocupar com a outra parte do ambiente - as pessoas. Para Halliday, estudar a linguagem pressupõe estudar simultaneamente o meio social no qual as pessoas se relacionam e que é composto pela complexidade estabelecida nas relações construídas pelos seres humanos.

o aumento do lixo, a contaminação do ar e água, incluindo os processos mais letais da contaminação física parecem ser mais fáceis de tratar do que a contaminação do meio social causada pelos preconceitos e animosidade de raça, cultura e classe (Halliday,1982:18).

Pode-se dizer que este pensamento está em consonância com Moita-Lopes (1998/2008), Kress (1998), Rajagopalan (2003), Pennycook (1998/2008) e Fairclough (1998/2001).

Halliday apresenta a pesquisa como um espaço de posicionamento social, assim como defendido por Cavalcanti (2008), portanto, entender o papel da pesquisa no mundo só é possível dentro do marco de compreensão da realidade social (Berger e Luckman, 2000) que constitui nossa sociedade capitalista.

Halliday (1982:9) diz que “a linguagem é um produto do processo social” e como construção social, é um edifício de significados. A metáfora da linguagem como edifício de significados deixa explícita a compreensão de linguagem como uma rede semiótica em constante transformação, pois, os significados estão na sociedade que, a todo o momento, os recria. Para um lingüista sistemicista, as investigações não se descolam da sociedade e das relações estabelecidas entre os seres humanos, pois, o objeto de estudo está além da linguagem, encontra-se nas relações dos humanos, estabelecidas na sociedade.

Para Halliday (1982), a formação cultural que o ser humano é construído, começa desde muito cedo, pois

uma criança que aprende a linguagem aprende ao mesmo tempo outras coisas mediante a linguagem, formando-se uma imagem da realidade que está ao seu redor e em seu interior; durante esse processo, que também é um processo social, a construção da realidade é inseparável da construção do sistema semântico em que se encontra codificada a realidade. Neste sentido, a linguagem é um potencial de significados compartilhados, e por sua vez uma parte como interpretação intersubjetiva da experiência. (Halliday, 1982:9)

Nessa citação percebe-se um movimento dialético, entre seres humanos e a linguagem. A LSF entende a realidade social como indissociável do sistema de significados. Halliday entende que os indivíduos, ao nascerem, não trazem nada de novo; os significados já existem no mundo e estes interpelam os seres humanos. Uma criança, ao nascer, necessariamente, será interpelada por uma rede semiótica já existente e, enquanto começa a conhecer o sistema semântico, descobre, simultaneamente, a realidade, percebendo a linguagem como um sistema potencial do significado.

Uma realidade social (ou uma cultura) é em si um edifício de significados, uma construção semiótica. Por esta perspectiva, a linguagem é um dos sistemas semióticos que constituem uma cultura; um sistema distinto em quanto a que também serve como sistema de codificação para muitos dos demais (ainda que não por todos) (Halliday, 1982:10).

Pela imagem da realidade como uma construção de significados, entende-se que a linguagem se realiza a partir de condições determinadas pelos contextos de cultura e de situação (elementos extralingüísticos). Para Barbara e Macedo (2009), a

Linguística Sistemico-Funcional tem uma proposta teórica e metodológica que permite ao analista do discurso trabalhar nas mais diversas linhas de pesquisa, com diferentes tipos de corpus, em diversos contextos. A teoria tem como foco o homem, ancorado no espaço que ocupa na sociedade e em constante interação com outros homens, e mostra que as escolhas lingüísticas feitas por ele estão estreitamente relacionadas com suas intenções comunicativas. Desse modo, a compreensão que se pretende desse homem passa necessariamente por uma gramática como a de Halliday na qual a forma está sempre a serviço de uma função (Barbara e Macedo, 2009:104)

Halliday (1985/1994) aponta vinte e uma possíveis aplicações para a LSF e Eggins (2002) diz que o universo comum para tais aplicações é justamente a partir dos textos, nas relações cultural e social que os geraram. Para Eggins (2002), mesmo que o investigador seja guiado por

interesses diferentes, ou se mova em campos de aplicações distintos, e sem dúvida é interesse comum a todo lingüista sistemicista o interesse pela maneira que o falante emprega a linguagem no percurso da vida social cotidiana. Este interesse se apóia em quatro princípios sobre a linguagem: que o uso da linguagem tem um caráter funcional; que sua função é criar; que estes significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são trocados; e o processo do uso da linguagem é um processo semiótico (Eggins, 2004: 40)

Os quatro pontos apontados por Eggins, significam que o uso da linguagem é funcional, semântico, contextual e semiótico. Analisar textos reais possibilita mostrar o diferencial da LSF. A partir da compreensão hallidiana de linguagem, entender que por ser sistêmica, é “uma teoria do significado como escolha, pela qual a língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretado como rede de opções interligadas” (Halliday, 1994: xv) e por ser funcional, se preocupa com o uso que os seres humanos fazem da linguagem.

No desenvolvimento da criança como ser social, a língua desempenha a função mais importante. A língua é o canal principal que se transmitem os modelos de vida, por ele aprende-se a atuar como membro de uma “sociedade” – dentro e através dos diversos grupos sociais, a família, a vizinhança, e assim sucessivamente - e adotar sua “cultura”, seus modos de pensar e de atuar, suas crenças e seus valores (Halliday 1982: 18)

O papel que a linguagem cumpre na construção das relações sociais é fundamental pois, toda a base ideológica da sociedade acontece pela e na linguagem. Por isso, ao construir os valores sociais, a linguagem constrói o homem social e vice-versa.

Para Halliday a linguagem se constrói na cultura que se apropria dos significados produzidos dentro dos contextos socioculturais; assim, interpretar a linguagem significa interpretar os significados produzidos em um contexto cultural e situacional, onde as relações humanas e os valores estabelecidos influenciarão os textos e os discursos, já que eles são frutos das relações sociais. Nessa linha de raciocínio, é possível compreender que o significado não se realiza na materialização linguística, ele está além da lexico-gramática - encontra-se na sociedade.

1.2.1. O CONTEXTO

Já nos primórdios da LSF, influenciado pelo antropólogo Malinowski, encontram-se as discussões sobre o contexto. Halliday explicita a importância

do contexto, propondo a introdução nos estudos da linguagem a distinção entre contexto de cultura de situação (Halliday 1985 e 1994).

O contexto de cultura é todo potencial de significado de uma determinada cultura. O contexto de situação é mais imediato, servindo para interpretar o contexto social do texto, ou seja, é a situação em que os significados estão sendo trocados.

O contexto de situação é o que determina a realização da linguagem, pois o indivíduo, ao reconhecer as características que predominam em determinada situação, é capaz de predizer a forma linguística exigida em cada contexto verbal.

Para Halliday (1982:160) “o tipo de situação não é um inventário de cenas e sons em processo e sim uma estrutura semiótica, é a matriz ecológica constitutiva do texto”. Dessa forma, podemos perceber a complexidade no ato de fala, pois os participantes do contexto de fala possuem papéis sociais que também contribuem para a construção dos textos em distintas situações.

Halliday compreende a linguagem como a semiótica social, por isso, a “relação da linguagem e do sistema social não é somente uma relação de expressão, mas sim uma relação dialética natural complexa em que a linguagem simboliza ativamente o sistema social” Halliday (1982:235). Essa abordagem interpreta os textos como reflexos das relações humanas na sociedade, portanto, no contexto de situação em que o texto é criado tem-se, em seu cerne, os significados estabelecidos pela sociedade.

Para Halliday, há três aspectos decisivos para fazermos o uso da linguagem, pois são “linguisticamente relevantes” (Eggins 2004:107), e constituem as variáveis do registro: CAMPO, MODO e RELAÇÕES, são os componentes do contexto de situação que determinam as escolhas para cada tipo de texto em uma determinada cultura em dada situação.

O Campo abrange o que se trata ao fazer uso da linguagem, é o tipo de ação social; as Relações referem-se ao papel assumido pelas pessoas nas interações e sua realização na Linguagem; o Modo diz respeito à forma como se organiza a linguagem, é o tipo de contato e ação verbal.

A variável campo diz respeito ao assunto tratado, aos determinadores da escolha de significados; a variável relações trata das escolhas relativas ao tipo de situação, como, por exemplo, o grau de amizade e intimidade que determina

o modo de falar entre os participantes; a variável modo determina a organização do texto desenvolvido, a ordem das informações, como se apresenta uma informação nova ou velha etc. As variáveis campo, relações e modo se ligam diretamente às metafunções *Ideacional*, *Interpessoal* e *Textual* respectivamente.

1.2.2 As metafunções

Halliday (1982/1994) entende que os seres humanos trocam significados, dão e recebem informação ou bens e serviços - interagem por meio da linguagem. Além de permitir interação, a linguagem é meio de reflexão sobre as coisas e meio de ação sobre elas.

Existem dois aspectos fundamentais na realidade social codificada em linguagem: parafraseando Lévi-Straus, essa realidade é tanto “boa para pensar” como “boa para comer”. A linguagem expressa e simboliza esse duplo aspecto em seu sistema semântico, que está organizado em torno aos motivos iguais de reflexão e ação: a linguagem como meio de reflexão sobre as coisas, e a linguagem como meio de ação sobre as coisas. O primeiro é o componente “ideacional” do significado; o segundo é o componente “interpessoal”: só se pode atuar simbolicamente sobre as pessoas e não sobre os objetos (Halliday, 1982:9).

A linguagem serve para (1) manifestar conteúdo, trazendo à tona a experiência com o mundo real e da própria consciência; (2) estabelecer e manter relações sociais através dos atos de fala e a partir dos papéis comunicativos criados pela própria linguagem; e (3) estabelecer vínculos com si mesma, a partir de sua organização textual. A linguagem realiza-se por funções simultâneas que Halliday denomina metafunções, a saber *Ideacional*, *interpessoal* e *textual*, cada uma relacionada a uma variável do registro, conforme mostra a figura 01.

Para Halliday (1994:35), as metafunções: *ideacional*, através da qual expressamos os significados sobre o mundo, incluídas aqui as percepções; *interpessoal*, refere-se às funções sociais, expressivas e conativas da linguagem, expressando o ângulo do falante, suas atitudes e julgamentos, sua codificação das relações; e *textual*, onde ocorrem as escolhas da construção da mensagem, as decisões que o falante toma com relação à distribuição da escolha do seu discurso. Eggins (1994: 220) aponta que esta metafunção “está ligada ao uso da língua enquanto representação, relacionada tanto com o

mundo externo, eventos, elementos, como com o mundo interno, pensamentos, crenças, sentimentos etc.” Dessa forma, a autora nos diz que usamos a linguagem para falar do mundo, a maneira como o percebemos, sentimos, experienciamos e o representamos.

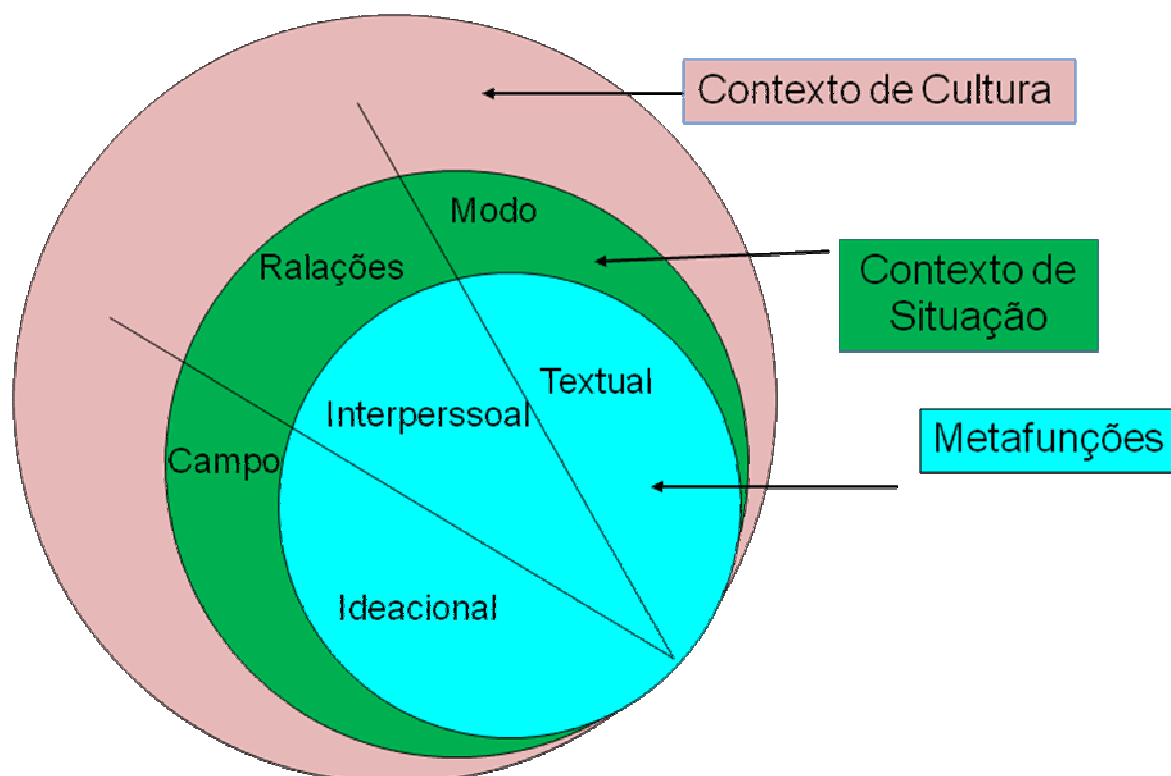


Figura 01: Adaptada de Halliday (2004)

Esta pesquisa tem como foco a metafunção ideacional que permite construir os significados de mundo através do sistema de transitividade. Como diz Halliday (1985,1994), utilizamos as palavras ou as orações para relatarmos o conteúdo que temos em mente ou produzir os significados que desejamos compartilhar pela linguagem.

1.2.3 - O Sistema de Transitividade

O sistema de transitividade da LSF permite construir o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processos (os verbos em contexto). Por isso, utilizo a metafunção ideacional para a investigação da representação de mundo das personagens do livro em estudo; para isso estudo a escolha de processos e seus argumentos. Segundo Halliday (1994), os

processos são divididos em três grupos semânticos principais: o material, o mental e o relacional e três outros tipos que ocupam uma função intermediária : comportamental, verbal e existencial. Os processos são representados por um verbo, a ação propriamente dita; os argumentos, participantes² são representados por grupos nominais que podem tanto realizar a ação ou serem de alguma forma afetados por ela; independente do tipo de processo, as orações podem ter circunstâncias, que são representadas por grupos adverbiais, e sua função é adicionar informações aos processos.

A figura 2, abaixo, extraída de Halliday (1994), ilustra os tipos de processo e o tipo de significado veiculado por cada um.



Figura 2: Os tipos de Processos (traduzido de Halliday, 1994:108).

Para finalizar, apresento um resumo dos tipos de processos e o respectivo significado e, também, seus participantes realizam funções diferentes.

² Em alguns momentos, utilizarei a palavra personagem referindo-se a participantes, mas é importante informar que participante refere-se a entidades humanas ou não nas orações. Nos exemplos, em todas as seções da pesquisa, Burdão e as demais personagens do livro, poderão aparecer tanto como personagem como participante, dependerá, exclusivamente, do que pretendo valorizar.

Processos	Categoria de Significado	Participantes
Material	Fazer	Ator, meta, extensão e Beneficiário
Comportamental	Comportar-se	Comportante, extensão
Mental Percepção Afeição Cognição	Sentir Ver Sentir saber	Experenciador, Fenômeno
Verbal	Dizer	Dizente, Alvo, Verbiagem e Receptor
Relacional Atributivo Identificativo	Ser/estar Atribuir identificar	Portador, atributo, Possuidor, Possuído, Identificado, Identificador, Valor, Característica.
Existencial	Existir	Existente

Quadro 1: Resumo dos tipos de processos (Traduzido de Halliday 1994: 143).

Processos materiais: são os processos do *fazer*, que se relacionam ao mundo físico: ex: *trazer, circular, pintar, matar etc.* Possui dois participantes principais: *ator* e a *meta*. (Halliday, 1994:108)

Lúcio	tirou	da viatura	um saquinho plástico contendo maconha
Ator	Processo material	Circunstância	Meta

Processos mentais são os de *sentir, pensar, conhecer* e representam o nosso mundo interior (*ex: entender, saber, sentir*) seus participantes são *experenciador* e *fenômeno* (Halliday, 1994:112)

<i>Burdão</i>	<i>ficava a refletir</i>	sobre essa desgraça que é vendida em todo tipo de comércio.
Experenciador	Processo mental	Fenômeno

Os processos relacionais são os processos de *ser* (Halliday, 1994: 119), sendo 3 os principais : (a) *intensivo*, onde *X* é *A*; (b) *circunstancial*, onde *X* está para *A*; (c) *possessivo*, onde *X* tem *A*. Seus participantes são respectivamente (a) *portador* e *atributo*; (b) *identificado* e *identificador* (c) *possuidor* e *possuído*.

Burdão	É	um devorador de livro
Portador	Processo relacional atributivo	Atributo

Lúcio	<i>Tem</i>	um currículo com vinte e dois assassinatos
Possuidor	Processo relacional	Possuído

Processos comportamentais são ações que, simultaneamente, unem comportamentos físicos e psicológicos, situando-se entre os processos *materiais* e *mentais*: (Halliday 1994: 139). Seus participantes são o *comportante*, sendo uma figura animada, e a *extensão*.

Burdão	sorri	exercitando a sua tez facial.
Comportante	Processo comportamental	extensão

Processos verbais são processos de *dizer* e estão entre os mentais e os relacionais (Halliday 1994: 140). Ex: “o jornal diz...”, ou seja, não precisa necessariamente de um humano para se realizar “. Seus participantes são : o *dizente*, o *alvo*, o *receptor* e a *verbiagem*.

O assaltante	continuou:	– Agora toda vez que eu vou preso, assim que surge uma oportunidade eu fujo. Se os homi me pegam e levam pra tortura, eu falo que matei até Deus, aí eles só continuam batendo se for por puro prazer, porque eu assumo tudo o que jogarem nas minhas costas, já estou fodido mesmo.
Dizente	Processo verbal	Oração projetada paratática

Os **processos existenciais** são os verbos de *ser*, *haver*, *existir* e *ter* (em português brasileiro); este processo faz fronteira entre os relacionais e os materiais e possui apenas um participante *o existente*.

Amanhece	mais um dia
Processo existencial	Existente

1.2.4-Antilinguagem

Halliday (1982³) cunha o termo Antilinguagem, que traz em si a concepção de linguagem realizada em tensão social e pressupõe a existência de uma anti-sociedade.

Uma anti-sociedade é uma sociedade que se estabelece dentro de outra como alternativa consciente a esta, é um modo de resistência, que pode adotar a forma de simbiose passiva ou de hostilidade ativa, incluindo a de destruição (Halliday, 1982: 213).

O conceito anti-sociedade deve ser entendido da mesma forma que “os diversos tipos de palavras “anti”, como antibiótico, anticorpo, antinovela, antimatéria” (Halliday, 1982:213). Assim, anti-sociedade e sociedade coexistem como uma simbiose. Para Halliday (1982), a anti-sociedade, necessariamente, constrói sua comunicação por meio de códigos específicos, ou seja, a antilinguagem preserva seu caráter criptográfico, de forma que somente um membro da anti-sociedade tenha condições de codificá-la. Para exemplificar essa situação, o texto de Luis Fernando Veríssimo pode ilustrar a relação existente entre anti-sociedade e sociedade.

Dois homens tramando um assalto

– Valeu, mermão? Tu traz o berro que nós vamo rendê o caixa bonitinho. Engrossou, enche o cara de chumbo. Pra arejá.

– Podes crê. Servicinho manero. É só entrá e pegá.

– Tá com o berro aí?

– Tá na mão.

Aparece um guarda.

– Ih, sujou. Disfarça, disfarça...

O guarda passa por eles.

– Discordo terminantemente. O imperativo categórico de Hegel chega a Marx diluído pela fenomenologia de Feurbach.

– Pelo amor de Deus! Isso é o mesmo que dizer que Kierkegaard não passa de um Kant com algumas sílabas a mais. Ou que os iluministas do século 18...

O guarda se afasta.

– O berro, tá recheado?

– Tá.

– Então vamlá!

Luis Fernando Veríssimo. *O Estado de S. Paulo*, 08 mar. 98.

O texto acima representa a realidade linguística dos usuários da antilinguagem, pois, um membro da anti-sociedade, reconhece as formas de uso da linguagem da sociedade e o inverso, geralmente, não é possível.

³ Vale lembrar que o texto utilizado aqui é uma tradução de 1982, o termo de Halliday é cunhado em 1976

Halliday (1982), enfatiza que tomou como exemplos os léxicos extremos da anti-sociedade porque estudou a realidade linguística de detentos e criminosos dos séculos XVI, mas o sistemicista reconhece que há outros exemplos de anti-sociedade, como por exemplo, a comunidade Cristã primitiva que coexistiu com outras normas em Jerusalém.

No texto de Veríssimo, a palavra *berro* significa revólver, um exemplo de antilinguagem. Esse vocábulo, ao ser reconhecido pela sociedade, fica em desuso pela anti-sociedade que o criou e, por isso, a anti-sociedade constrói novas formas linguísticas para se referir a revólver.

O contexto de situação de um usuário da antilinguagem permite que esse usuário tenha acesso a duas realidades sociais, por isso, o texto é constituídos por dois dialetos, o padrão e o não-padrão.

Investigar a Antilinguagem significa: (1) compreender as relações sociais estabelecidas na sociedade; (2) discutir a produção dos significados em contextos de conflitos sociais, além de (3) investigar a reconstrução da vida, pois a produção da antilinguagem, para Halliday, não está ligada ao “processo da construção e sim da reconstrução da vida” (Halliday: 221). Uma pesquisa que tenha esse foco trará, por meio da análise da materialidade linguística, as discussões relativas à organização social da anti-sociedade.

Como disse anteriormente, Halliday analisa a antilinguagem em contextos de delinquências e prisionais, enquanto o que será analisado aqui pertence ao contexto de situação de uma periferia paulista. O próprio sistemicista diz que “as antilinguagens da prisão e das contraculturas delitivas são aquelas que se definem com maior clareza porque têm uma referência específica a estruturas sociais alternativas” (Halliday, 1982: 236).

Nesta pesquisa, especificamente, nesse subitem da seção teórica, apresento a ligação que encontrei nos conceitos de *Lumpem-proletário* e de *anti-sociedade*, respectivamente, de Marx e Halliday.

Pode-se inferir que Halliday foi influenciado pelo conceito de Lumpem-proletário de Marx que o explica como o excluído das relações antagônicas da sociedade capitalista, por não pertencer às classes sociais, de vez que em sua teoria esse é um estrato da sociedade, um grupo, à margem das classes – ou seja, nem burgueses e nem proletários.

O lumpen-proletariado, esse produto passivo da putrefação das camadas mais baixas da velha sociedade pode, às vezes, ser arrastado ao movimento por uma revolução proletária; todavia, suas condições de vida o predispõem mais a vender-se à reação para servir às suas manobras (Marx e Engels, 1999:24).

O Lumpen-proletário, elemento existente na sociedade capitalista, é o ladrão, a prostituta, o morador em situação de rua e etc. Comparando as citações, percebe-se que o conceito de Halliday é mais amplo e geral, pois a anti-sociedade não precisa ser necessariamente uma contracultura delitiva, enquanto o conceito marxiano⁴ é específico. Dessa forma, entendo que a anti-sociedade deva ser explicada por níveis diferentes⁵, ou seja, é necessário averiguar seus extremos, sabendo que um desses pólos é a contracultura criminosa e delitiva, conforme proposto por Halliday. Portanto, utilizando o termo de Marx e Engels, pode-se enfatizar que um dos extremos da anti-sociedade é o lumpen-proletário.

Halliday traz um acréscimo às ciências sociais e, principalmente, à teoria marxista, ressaltando que os estudiosos da linguagem em muito contribuem, com estudos, para as ciências sociais. Vale lembrar que Marx não elabora uma teoria sobre o lumpen-proletário, mas suas descrições sobre esse grupo, nos clássicos Manifesto Comunista (1999) e 18 Brumário de Luis Bonaparte (2010), são importantes na teoria marxista.

Halliday enfatiza o pensamento de Marx, além de possibilitar um olhar mais humanizado, não colocando o lumpen-proletário apenas como um “produto passivo”, mas o entende como um excluído das *relações de trabalho*⁶ na sociedade capitalista. Segundo Marx (1996:108), as pessoas excluídas das relações de trabalho da sociedade capitalista, formam um “exército industrial de reserva”, ou seja, um exercito de desempregados. Nesta pesquisa, não é foco fazer essas discussões, mas vale reforçar que Halliday deixa como contribuição às Ciências Sociais conceitos onde o Lumpén-proletário e o exercito de reserva são vistos por outro foco. Portanto, aplicando o conceito de

⁴ Atualmente, alguns teóricos das Ciências Sociais usam o termo marxiano para fazer referência aos textos de Marx enquanto o termo marxista é usado para referendar textos que se referem a Marx.

⁵ Para estudos futuros, comecei a procurar tipos de anti-sociedade e pretendo construir uma representação gráfica dos extremos da anti-sociedade.

⁶ As relações de trabalho com relação aos meios de produção, pois, conforme Engels, Burguês é o proprietário dos meios de produção enquanto o proletário possui sua força de trabalho e a vende para o capitalista.

anti-sociedade na sociedade capitalista, pode-se entender como o exército de reserva tende a tornar-se o lumpen-proletário organizado.

Halliday estuda a antilinguagem como caso extremo dos dialetos sociais, enquanto o livro *Graduado em Marginalidade* pertence ao contexto de situação de uma periferia.

No artigo Antilinguagem, Halliday analisa os resultados e os exemplos das pesquisas de: Thomas Harman (1567), sobre os renegados na Inglaterra elisabetana; Bhaktiprasad Mallik em *Language of the Underworld of West Bengal* (1972); e Adam Podgórecki (1973), com estudos sobre a segunda vida na subcultura de prisões e de reformatórios polacos. .

O assunto antilinguagem esbarra em muitas questões, talvez, até mesmo na visão de mundo dos pesquisadores, portanto, recorrer a Halliday é tomar ciência do início da discussão como um todo. Preti (2000) diz que

A gíria dos grupos restritos teve, historicamente, seu estudo ligado à vida do submundo da contraversão e do crime, caracterizando-se no dizer de Burke, como “uma antilinguagem de uma contracultura ou uma linguagem para marginais.” (Burke, P. 1996: 8) Essa espécie de gíria sempre constituiu a maior fonte de pesquisas para historiadores, sociólogos e lingüistas, possivelmente, observa o mesmo autor, “em razão da excitação para os sedentários acadêmicos de uma participação indireta em um mundo secreto e proibido de sexo, trapaças e violência. (Preti, 2000: 246)

Preti não utiliza o termo antilinguagem, prefere a generalização de gíria, quando utiliza o termo, o remete a Burke, mas compartilha que o determinante para a existência de tais léxicos é a existência de uma contracultura.

Peter Burke (1996) é literatura basilar nos assuntos sobre antilinguagem e se apropria do conceito hallidiano, porém, assim como Halliday, analisou os casos extremos da antilinguagem, em seu caso, tendo como corpus o *cant* (c.f Burke, 1996).

Halliday diz que os estudiosos da linguagem tendem a dizer que “novas palavras aparecem devido à originalidade e agilidade humorística da subcultura e principalmente por manter os segredos da antisociedade”. (Halliday, 1982: 215). Para Halliday,

se considerarmos as linguagens do submundo em termos de uma comparação com as linguagens de (alto) mundo, encontramos neles uma orientação funcional característica, que se afasta do modo experiencial de significação e se aproxima dos modos interpessoal e textual (Halliday, 1982:215).

Assim o sistemicista mostra que a antilinguagem é constituída por uma particularidade funcional, onde manter seu desempenho criptográfico significa manter a solidariedade interna e os segredos de um grupo. Essa concepção considera que a realidade social na construção do significado da antilinguagem só pode existir por meio de uma anti-sociedade.

De um modo geral, podemos, historicamente, afirmar que a gíria nasceu do submundo social e essa sua gênese gerou um acentuado preconceito em relação ao seu uso por outras classes, o qual, embora atenuado, permanece até hoje. A gíria, pois, é o vocabulário de uma anti-sociedade, de um grupo marginal, em conflito com a comunidade (Preti, 2000:253).

Preti, mesmo não utilizando o termo antilinguagem, aceita a existência da anti-sociedade, esse é o ponto específico que deixa claro um diálogo teórico e metodológico entre Halliday, Burke e Preti. Esses pesquisadores entendem que os significados criptológicos dos vocábulos da antilinguagem ou da gíria se relacionam diretamente ao mundo social dos falantes.

Para Halliday (1982) a forma criptológica, basicamente, possui duas formas (1) relexicalização e (2) sobrelexicalização. A primeira significa a mudança de palavras velhas por novas, mas essa mudança não é total e sim parcial e todas as palavras têm seu equivalente no dialeto padrão. A segunda é marcada pela quantidade de sinônimos que aparecem em contraste ao dialeto padrão. Os exemplos a seguir foram retirados do corpus.

*1-Burdão já havia adquirido uma certa consideração ali dentro, pois não tinha **caguetado** (denunciado) a fuga, foi falta de sorte deles mesmo.*

*2-Eu tava sem dinheiro nenhum, **tinha feito uma loja** (roubado), mas teve **caguetagem** (denúncia), **os homi** (os policiais) vieram e pra mim **não ser guardado** (preso) tive que dar **toda a grana** (dinheiro).*

*3-João Ligeiro estava na porta e para não chamar a atenção dos **caguetas***

*4-Fora da Vila ele é o assaltante que pega tudo o que vê pela frente, mete o **ferro** (revólver) na padaria, no mercado, no ônibus e em tudo aquilo que vai lhe render um dinheiro.*

Os exemplos acima mostram a relexicalização e a sobrelexicalização, que, para Halliday (1982), Burke (1996) e Beier (1996), são as formas simples da Antilinguagem.

Preti diz que a falta de estudos sobre estes vocábulos tem a ver com as dificuldades encontradas pelos pesquisadores, mas que

deve-se acrescentar a essas dificuldades, o fato de os pesquisadores, em particular os lingüistas, não revelarem um interesse maior pelo estudo da gíria. E isso também indica um aspecto do processo preconceituoso em relação a esse vocabulário (Preti, 2000:244).

Por isso, discutir a realização da antilinguagem em seu contexto de situação, significa conhecer a realidade social dos falantes usuários da antilinguagem. Halliday, Burke e Beier trazem exemplos, como já mencionado, apenas de produção da antilinguagem em contextos que exigiam a necessidade do segredo, ou seja, a produção da antilinguagem em uma estrutura social alternativa à estrutura da sociedade, como, por exemplo, a antilinguagem dos criminosos e das prostitutas.

Em geral, os exemplos são sobre a vida do submundo, ou seja, a vida dos excluídos que de alguma forma se reorganizaram em outra estrutura não aceita pela sociedade.

A necessidade de investigar essas questões, especificamente, em um livro escrito por um morador de periferia, significa sair dos exemplos extremos dos dialetos sociais propostos em Halliday (1982), Burke (1996) e Beier (1996). A discussão sobre Antilinguagem, nesta pesquisa, trouxe alguns pontos a serem discutidos a partir do romance. O contato entre sociedade e anti-sociedade criminosa constitui a realidade social da periferia, pois os moradores de tais comunidades convivem com a linguagem e a antilinguagem.

Dadas as características da LSF, percebe-se sua importância como base aos estudiosos de identidade, pois, a partir da concepção de linguagem como fenômeno social, tem-se o ponto de partida deste modelo de análise da linguagem. Halliday (1982) traz a explicitação sobre a necessidade da antilinguagem para determinados grupos sociais, onde esta ocorre a partir da relação das identidades em conflitos sociais.

1.3 Concepção sobre de identidade

Antes de apresentar a discussão teórica sobre identidade, farei uma breve consideração sobre os estudos de Rajagopalan (2003), tendo como ponto de partida seu paradigma crítico.

Rajagopalan (2003) defende uma linguística crítica e politizada que interprete a sociedade e as relações de poder nela estabelecidas. Portanto, ao discutir as questões que envolvem a identidade, Rajagopalan (2003/2004), discute sobre a importância da construção da identidade profissional do linguista diante da sociedade, ou seja, por meio das pesquisas.

Rajagopalan (2004) diz que a linguística não é vista como uma ciência importante, tanto que abre um debate público com o deputado estalinista Aldo Rebelo, sobre a proposta de lei que pretendia pôr fim ao estrangeirismo no português brasileiro. Rajagopalan (2004) discute o papel que o linguista cumpre nesse debate, ou melhor, o papel que não cumpre, pois, nenhum linguista foi consultado para elaboração e discussão do projeto do então deputado. Dessa forma, como linguista aplicado, discutir identidade em um trabalho científico e não discutir o próprio papel, como cientista da linguagem, significar manter a despolitização. Recentemente, o livro “Por uma vida melhor”, foi censurado por diversos jornalistas em todas as mídias, pois diziam que o mesmo, “ensinava errado”. Tais polêmicas mostram a atualidade da discussão de Rajagopalan (2003/2004), pois os diversos meios de comunicação que se manifestaram, que se pronunciaram, desconsideraram o trabalho linguístico que fundamentou a construção do livro.

Para Rajagopalan (1998),

a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa (Rajagopalan, 1998, 41)

Na concepção de Rajagopalan, percebe-se o movimento dialético entre linguagem e identidade. Acrescentando a este pensamento o papel da sociedade, nas discussões de Halliday sobre linguagem e sociedade, para quem a linguagem é a produção de significados da sociedade. Portanto, é nas relações sociais, por meio da linguagem, que indivíduo em sociedade constrói sua identidade. Nesse sentido, Moita-Lopes (1998) diz que “o discurso é uma construção social e, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo”. A partir dessa perspectiva, analisar como os envolvidos na construção do

significado estão agindo no mundo, pela linguagem, significa investigar a realidade social e a identidade dos participantes construída nesse processo (Moita-Lopes 1998:305).

Rajagopalan, ao abordar questões cruciais para investigações de identidade, entende que

entre os pesquisadores que se interessam pela questão da identidade, já não há mais quem, em sua consciência, acredite que as identidades se apresentam como prontas e acabadas. Pelo contrário, acredita-se, em larga escala, que as identidades estão, todas elas, em permanente estado de transformação, de ebulição. Elas estão sendo constantemente reconstruídas. Em qualquer momento dado, as identidades estão sendo adaptadas e adequadas às novas circunstâncias que vão surgindo. A única forma de definir uma identidade é em oposição a outras identidades em jogo. Ou seja, as identidades são definidas estruturalmente. Não se pode falar em identidade fora das relações estruturais que imperam em um momento dado (Rajagopalan, 2003: 71)

Para Rajagopalan, é lugar comum no mundo contemporâneo, entre os pesquisadores interessados nas discussões sobre identidade, entendê-la como algo não fixo e fragmentado, pois, como aponta Rajagopalan, a identidade está em constante transformação. Pelo argumento deste pesquisador, fica claro que as relações sociais são fontes significativas para a (re)construção das identidades. Portanto, e, a partir dessa concepção, é correto parafrasear o verso do popular cantor Raul Seixas, que bem representa esse pensamento, somos: “metamorfoses ambulantes”, já que a todo o momento nossas identidades são modificadas, e, como diz Rajagopalan, o fazemos segundo as circunstâncias da vida e em relação a outras identidades e situações sociais.

Para Ciampa (2007: 74), identidade é “movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é ser metamorfose”. O movimento, na concepção de Ciampa, é construído na sociedade, em uma relação dialética entre indivíduo e sociedade. Tal concepção constrói os paradigmas sobre o que é identidade, dentro dos estudos da psicologia social.

Para Hall (2005) a identidade é “formada e transformada continuamente em às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2005:13). Hall (2005) entende que o sujeito em estudo hoje é o pós-moderno, o que justifica a compreensão de que a identidade fragmentada e em constante mutação, pois, nesta linha o indivíduo não é entendido como um ser único e permanente.

Para Bauman (2005), vivemos na era da modernidade líquida, tudo está em constante movimento. Segundo Bauman, “tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastantes negociáveis e revogáveis”(Bauman, 2005:17).

Os teóricos que se preocupam com os estudos sobre identidade, Ciampa (2007), Hall (2005) e Bauman(2005), são fundamentais para a LA contemporânea, pois, são pontos de partida, no que tange as questões de identidade. Nesta pesquisa, identidade é entendida como mutável e fragmentada, em constante mutação na sociedade.

Halliday (1982), por meio da antilinguagem, aponta como a reconstrução das identidades dos grupos marginalizados constrói a anti-sociedade. Evidencia ainda como o movimento de construção da anti-sociedade é o mesmo movimento que reconstrói os indivíduos excluídos.

Para Halliday (1982), a anti-sociedade, ao produzir a antilinguagem, edifica sua identidade de grupo reconstruído, ainda que essa reconstrução aconteça no seio da sociedade que primeiro excluiu os indivíduos da anti-sociedade; a forma simbiótica desse grupo garante a proteção do grupo.

Para Halliday (1982)

a segunda vida é a reconstrução do indivíduo e da sociedade. Proporciona uma estrutura social alternativa, com seus sistemas de valores, de sanções, de recompensas e de castigos; e isso dá origem a uma identidade alternativa de seus membros, mediante aos padrões de aceitação e de gratificação, ou seja, a segunda vida é uma realidade alternativa. (Halliday, 1982:218)

Na citação acima, tem-se como a anti-sociedade se reconstrói com seus valores, que são garantidos pelo tipo de aceitação entre os indivíduos desse grupo. Para deixar explicitado meu pertencimento ao contexto da periferia, retomo dois vocábulos muito utilizados por criminosos *cagueta* (delator) e *talarico* (quem sai com uma mulher comprometida). Esses dois vocábulos trazem em si a ideia de punição, pois são regras invioláveis nas anti-sociedades criminosas, ser chamado de *cagueta* ou *talarico* em alguma cadeia ou grupo criminoso, significa que esta pessoa pode estar correndo um grande risco, inclusive de vida.

Por ser pesquisador pertencente ao campo, identifiquei na obra alguns vocábulos em antilinguagem. Esses vocábulos, que primeiro foram utilizados por criminosos, passaram a ser usados pelos moradores das comunidades e tornaram-se vocábulos do dia-a-dia, sendo usados nas escolas, fábricas e em qualquer lugar que houver alguém dos contextos, onde sociedade e anti-sociedade coexistem. Há muitas questões envolvidas nas relações entre os moradores comuns que nunca se identificaram como criminosos e os próprios criminosos, mas, de modo geral, a descoberta de Halliday, ao investigar a antilinguagem, pode explicar essas relações. Vale lembrar que, em estudos futuros, pretendo continuar essas investigações. A proposta de Halliday é pertinente a esta pesquisa, mas como investigo a transformação identitária da personagem Burdão, é importante ressaltar o papel da anti-sociedade na periferia, ou seja, essa coexistência pode ser um grande aliado dos criminosos, quando esses querem reforçar seus grupos.

A LSF preocupa-se com o significado em seu contexto de realização, esse só existe em sociedade, dessa forma, investigar a reconstrução identitária, na terminologia de Halliday, só é possível, a partir da concepção da segunda vida, pois, para Halliday, esta se dará, necessariamente, na anti-sociedade (Halliday 1982), e nela será reconstruída e constituída uma identidade.

2- METODOLOGIA

“Quem inventou o barato não separou entre literatura boa/feita com caneta de ouro e literatura ruim/escrita com carvão, a regra é só uma, mostrar as caras. Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto” Ferréz (2005:9).

Este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira discuto a concepção metodológica da pesquisa; os objetivos da investigação; a descrição do corpus. Na segunda parte apresento a metodologia utilizada para realização da pesquisa: o programa computacional WordSmith Tools (5.0), especificamente, as ferramentas utilizadas e, em seguida, os procedimentos de coleta e a organização dos dados. Por fim, neste mesmo capítulo, descrevo como utilizo os dados no *WordSmith*, para a realização da análise, à luz da Linguística Sistêmico-Funcional, a base teórica da pesquisa.

2.1- Concepção metodológica

Giorgi (1985) apud Moita-Lopes (1994: 333) diz ser necessário que o pesquisador tenha metaconhecimento sobre seu processo de investigação e, para tanto, indica que a pesquisa submeta-se a três critérios, que a caracterizarão como científica:

- 1- Metódica (os procedimentos de investigação deverão ser claros)
- 2- Sistemática (o conhecimento produzido deve ser inter-relacionado, ou seja, a investigação de uma determinada questão não pode ignorar outras).
- 3- Criticada pelo próprio pesquisador e oferecida à crítica dos pares, na comunidade científica.

Dessa forma, esta é uma pesquisa científica, uma vez que (1) segue os métodos da LSF; (2) relaciona-se com pesquisas anteriores em estudos linguísticos, especificamente, com os de natureza Sistêmico-Funcional e; (3) é oferecida à crítica dos pares acadêmicos.

Esta é uma pesquisa de natureza teórica e metodologicamente enquadrada na LSF, de base interpretativista (Moita-Lopes, 1994). Para Moita-

Lopes (1994:330) a pesquisa interpretativista pressupõe uma oposição à concepção positivista, pois o pesquisador interpretativista entende a pluralidade de vozes no mundo social, além de considerar questões relativas a poder, ideologia, história e subjetividade, portanto, não permite o apagamento dos participantes do mundo social, do qual o pesquisador faz parte; dessa forma, para Moita-lobes, as Ciências Sociais precisam de procedimentos distintos das Ciências Naturais, ou seja, as pesquisas na área de humanidades necessitam de procedimentos opostos à maneira tradicional positivista, para então, dessa forma, superar “o monopólio sobre a chamada verdade científica” (Moita-Lopes, 1994: 330).

Aqueles que defendem a posição interpretativista como a maneira mais adequada de produzir conhecimento nas C. Sociais argumentam que a natureza do objeto de investigação das C. Sociais é tão diversa das C. Naturais, que não se justifica a utilização dos meios e procedimentos das C.Naturais nas C.Sociais. A natureza do mundo social é de tal ordem que é necessário que se descubram meios adequados à produção científica nas C.Sociais (sendo esta, no meu entender, uma das tarefas da LA).O que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo, assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades). (Moita-Lopes,1994:331)

Nesta citação, Moita-Lopes discute sobre a subjetividade envolvida no fazer pesquisa e defende a auto-afirmação da identidade das Ciências Sociais. Para ele, romper com a concepção predominantemente positivista e afirmar a identidade, em Linguística Aplicada, pressupõe construir procedimentos que reconheçam o significado como resultado dos contextos sociais. A concepção da pesquisa interpretativista, como discutida pelo autor, alinha-se à LSF, no que tange à construção do significado na sociedade. Uma teoria preocupada com a abordagem semântica facilita a interpretação da realidade social construída nas relações humanas, em contextos específicos.

Para Cavalcanti (2008), as indagações norteadoras do desenvolvimento de pesquisa

envolvem desde a descrição metodologia, a análise dos dados e a divulgação dos resultados, remetem principalmente à necessidade de reflexão sobre conceitos, tanto teóricos como metodológicos, usados de forma naturalizada no dia-a-dia do trabalho da investigação. Em relação à metodologia, remetem também às implicações de um fazer naturalizado das transcrições de áudio e vídeo, das decisões sobre a apresentação dessas transcrições, das traduções dos dados para outros idiomas, das decisões, na divulgação de resultados da pesquisa, sobre a não-focalização de questões que podem ser prejudiciais à imagem de povos que estão lutando se tornar visíveis por meio das ações afirmativas (Cavalcanti, 2008:234).

Nesse sentido, a concepção metodológica interpretativista dos linguistas aplicados atuantes na contemporaneidade, torna-se um importante caminho porque não se descola da realidade política. Nessa linha, a pesquisa que realizo, investiga a transformação da identidade de Burdão, pela representação de mundo expressa no livro *Graduado em Marginalidade*, cujo cenário é uma comunidade pobre e que luta contra políticas de grupos sociais hegemônicos. Alinhando-se ao raciocínio de Cavalcanti (2008), esta pesquisa consegue dar visibilidade à voz de um escritor da periferia, por meio da representação de mundo em seu livro. Esta é uma pesquisa engajada socialmente, que, além de conhecer o contexto, respeita as ações afirmativas da comunidade na luta por seu espaço dentro da sociedade (Cavalcanti, 2008).

No texto “Terrorismo literário”, que é considerado o manifesto da literatura marginal, Ferréz diz que:

“Hoje não somos uma literatura menor, nem nos deixemos taxar assim, somos uma literatura maior, feita por maiorias, numa linguagem maior, pois temos as raízes e as mantemos” (Ferréz 2005:13)

Nesta citação, fica evidenciada a posição dos escritores da periferia, que nitidamente são orientados a reconhecer seu papel na sociedade em que vivem, para se posicionarem contra a visão hegemônica, dessa forma, são escritores preocupados com a ação afirmativa, portanto, esta pesquisa, ao ser interpretativista, precisa entender e respeitar essa visão de mundo.

Para Cavalcanti (2008), procedimentos metodológicos precisam alinhar-se com a expectativa do grupo que busca sua afirmação na sociedade; para tanto, ao pesquisador cabe os papéis ético, social e político em suas argumentações para defender os grupos pesquisados, principalmente, no contexto onde se busca afirmação e há luta contra hegemonias. A pesquisadora alerta para uma armadilha existente para o pesquisador interpretativista, “armadilha pode ainda encontrar na utilização de conceitos naturalizados pelo positivismo em metodologias de pesquisa do paradigma interpretativista (Cavalcanti, 2008:234).

Desta forma, o papel político do pesquisador é fundamental, pois, ao ser reconhecido pelo grupo, combate a naturalização dos conceitos que cristalizam o positivismo na pesquisa. Assim, minha proximidade e pertencimento ao

mesmo contexto social do escritor Sacolinha, me colocam como um pesquisador privilegiado.

2.2- Objetivos e perguntas de pesquisa

O objetivo desta pesquisa é investigar por meio da LSF a transformação identitária de Burdão, principal personagem do livro “*Graduado em Marginalidade*” do escritor Sacolinha. A Linguística Sistêmico-Funcional, como já dito, é uma teoria de linguagem que oferece subsídios para a análise de textos em seu contexto, levando em conta os significados produzidos e as relações sociais neles contidas.

Busca-se responder as seguintes perguntas:

- 1- Como escolhas léxico-gramaticais evidenciam as experiências de mundo no livro e o que elas revelam?
- 2- Qual a relação entre as escolhas léxico-gramaticais e o contexto de situação e como mudanças no contexto de situação são evidenciadas nas escolhas e vice-versa?
- 3- Como as escolhas léxico-gramaticais mostram a reconstrução da identidade de Burdão?

2.3- Coleta, Armazenamento e Procedimentos do WordSmith

O corpus de pesquisa, o livro *Graduado em Marginalidade*, foi obtido com intermediação do próprio escritor, junto à editora, que cedeu o texto em formato Word. Em seguida, essa versão foi convertida para o formato *txt*, arquivos sem formatação, adequado ao programa *WordSmith Tools*. Os dados compreendem 225.376 palavras, um corpus médio (Beber-Sardinha, 2002), por isso, programas computacionais auxiliam pesquisas linguísticas, retirando do pesquisador trabalhos que não serão de proveito à pesquisa.

A linguística, cada vez mais, tem se apropriado de programas computacionais para a realização de pesquisas. O *WordSmith Tools* auxilia pesquisas como de Barbara e Macedo (2009) que contabilizou mais de 5 milhões de palavras. Para Beber-Sardinha (2004), o *WordSmith* “coloca à disposição do analista uma série de recursos que, bem usados, são extremamente úteis e poderosos na análise de vários aspectos da linguagem” (Beber-Sardinha, 2004: 86).

O *WordSmith Tools* possibilita trabalhar com grandes quantidades de textos de forma rápida e eficaz, apresentando resultados que, manualmente, implicariam em meses de trabalho, como é o caso de listas de palavras (*WordList*), concordância (*Concordance*) e colocados (*Collocates*) utilizadas nesta pesquisa. O uso do programa abre a possibilidade de observar ocorrências léxico-gramaticais específicas, em seu contexto, de forma rápida.

A *WordList* (Lista de Palavras) traz todas as palavras do corpus em três tipos de listas:

- a) Em ordem alfabética
- b) Em ordem de frequência das ocorrências.
- c) Estatísticas

A figura 03 é o exemplo do início da Lista de Palavras do livro “*Graduado em Marginalidade*” em ordem de frequência das palavras

N	Word	Freq.	%	Texts	%_lemma	Set
1	QUE	1,360	3.52	1	100.00	
2	O	1,296	3.35	1	100.00	
3	DE	1,246	3.22	1	100.00	
4	E	1,241	3.21	1	100.00	
5	A	1,154	2.98	1	100.00	
6	UM	498	1.29	1	100.00	
7	DA	488	1.26	1	100.00	
8	DO	483	1.25	1	100.00	
9	NÃO	466	1.21	1	100.00	
10	COM	434	1.12	1	100.00	
11	PARA	431	1.11	1	100.00	
12	NA	407	1.05	1	100.00	
13	SE	374	0.97	1	100.00	
14	EM	344	0.89	1	100.00	
15	NO	344	0.89	1	100.00	
16	OS	343	0.89	1	100.00	
17	ELE	312	0.81	1	100.00	
18	É	302	0.78	1	100.00	
19	UMA	296	0.77	1	100.00	
20	BURDÃO	283	0.73	1	100.00	
21	SUA	227	0.59	1	100.00	
22	SEU	213	0.55	1	100.00	
23	MAS	210	0.54	1	100.00	
24	POR	210	0.54	1	100.00	
25	FOI	195	0.50	1	100.00	
26	MAIS	191	0.49	1	100.00	
27	ESTAVA	188	0.49	1	100.00	
28	AS	177	0.46	1	100.00	
29	JÁ	140	0.36	1	100.00	
30	PRA	137	0.35	1	100.00	
31	ERA	134	0.35	1	100.00	

Figura 03: Lista de palavras do livro Graduado em Marginalidade

O *Concordancer* (concordanciador) possibilita a localização de uma determinada palavra em seu contexto de ocorrência, além de permitir ao analista, a visualização exata de todas as outras palavras que a acompanham. A figura 4 é exemplo de uma concordância da palavra *Burdão*.

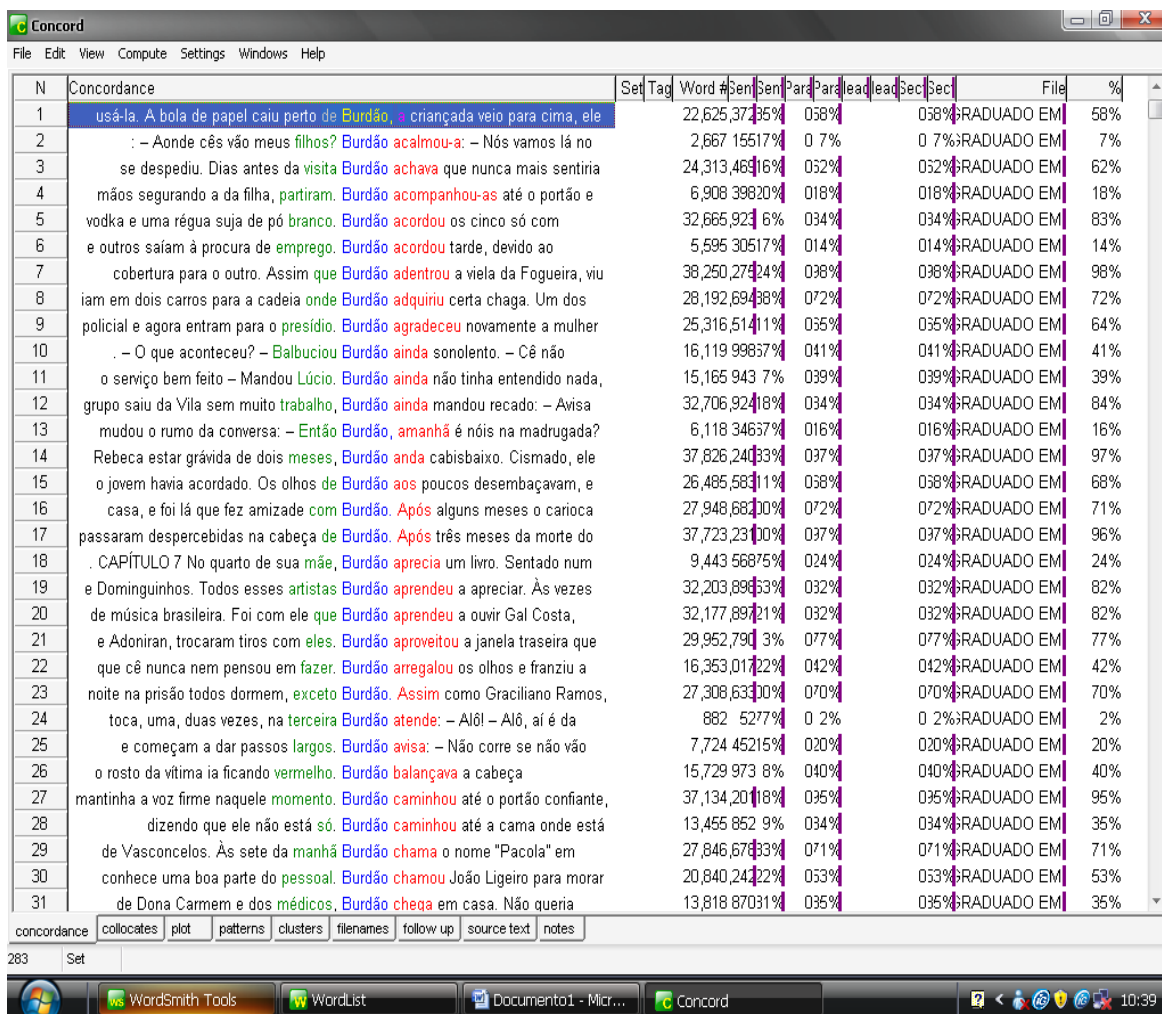


Figura 04: Concordância da palavra Burdão

O *Concordancer* (*concordanciador*) possui uma série de outras ferramentas, dentre elas, a *Collocates* (*colocados*), que lista, também por ordem de frequência ou por ordens à escolha do pesquisador, os principais elementos linguísticos que acompanham a palavra centro de uma concordância.

A tela abaixo (Figura 5) mostra os elementos linguísticos que acompanham a palavra Burdão.

N	Word	With	Relation	Texts	Total	total Left	total Right	L5	L4	L3	L2	L1	Centre	R1	R2	R3
1	BURDÃO	burdão	0.000	1	283	0	0	0	0	0	0	0	283	0	0	0
2	DE	burdão	0.000	1	83	51	32	5	3	7	7	29	0	0	3	4
3	O	burdão	0.000	1	78	25	53	5	3	6	6	5	0	4	20	11
4	QUE	burdão	0.000	1	62	25	37	2	4	1	3	15	0	11	8	7
5	A	burdão	0.000	1	62	18	44	5	3	5	3	2	0	1	20	16
6	E	burdão	0.000	1	59	18	41	2	2	5	2	7	0	14	1	7
7	DA	burdão	0.000	1	29	19	10	2	3	5	9	0	0	0	3	3
8	PARA	burdão	0.000	1	28	6	22	1	2	1	0	2	0	3	7	1
9	NA	burdão	0.000	1	28	20	8	1	5	10	4	0	0	1	2	1
10	DO	burdão	0.000	1	25	12	13	0	1	3	5	3	0	0	1	1
11	SE	burdão	0.000	1	24	8	16	1	1	3	1	2	0	4	5	2
12	NÃO	burdão	0.000	1	23	2	21	0	2	0	0	0	0	9	3	3
13	COM	burdão	0.000	1	23	5	18	0	1	2	0	2	0	3	7	1
14	NO	burdão	0.000	1	21	8	13	3	3	2	0	0	0	0	4	4
15	OS	burdão	0.000	1	15	8	7	1	0	6	1	0	0	0	6	0
16	UM	burdão	0.000	1	14	1	13	0	1	0	0	0	0	1	5	3
17	ESTAVA	burdão	0.000	1	14	3	11	0	0	2	0	1	0	6	3	0
18	É	burdão	0.000	1	13	5	8	0	1	4	0	0	0	3	3	0
19	UMA	burdão	0.000	1	12	4	8	3	1	0	0	0	0	0	3	0
20	FOI	burdão	0.000	1	12	5	7	1	1	0	2	1	0	7	0	0
21	EM	burdão	0.000	1	12	5	7	1	0	1	2	1	0	0	3	0
22	LIGEIRO	burdão	0.000	1	12	6	6	1	1	1	3	0	0	0	2	2
23	AO	burdão	0.000	1	12	3	9	1	2	0	0	0	0	0	2	2
24	JOÃO	burdão	0.000	1	11	5	6	1	1	3	0	0	0	2	2	1
25	SEM	burdão	0.000	1	10	4	6	0	0	2	2	0	0	1	4	1
26	OLHOS	burdão	0.000	1	10	5	5	1	0	0	4	0	0	0	2	3
27	POR	burdão	0.000	1	9	3	6	0	1	0	1	1	0	1	2	1
28	AINDA	burdão	0.000	1	9	3	6	0	0	2	1	0	0	3	1	0
29	MAS	burdão	0.000	1	8	3	5	2	0	0	0	1	0	0	0	0
30	SUA	burdão	0.000	1	8	1	7	0	0	0	1	0	0	0	2	1

Figura 05: Colocados da palavra Burdão

2.4-Categorias de Análise dos Dados

Primeiramente, a partir da lista das palavras do texto, obtida pela lista de palavras, selecionei os nomes das personagens Burdão e Lúcio para verificar o número de ocorrência, já que são os nomes das duas personagens principais, responsáveis pelo desenrolar do romance; em seguida, a partir delas fiz suas concordâncias.

No decorrer das pré-análises, os dados foram mostrando que as discussões caminhavam para as questões de identidade; como meu foco preliminar era apenas investigar as representações de mundo no livro, houve, a partir dessa nova perspectiva, a necessidade de ampliar a visão sobre os dados e levantar teorias que contemplassem esse novo rumo da pesquisa, ou seja, tornou-se fundamental buscar teorias relacionadas à identidade, pois seria incoerente continuar a pesquisa e não explicar a mudança identitária de Burdão. Para Moita-Lopes (1998/2008), naturalmente, a produção do

conhecimento em campo ou, neste caso, durante as análises, mostra a importância de se realizar a pesquisa construindo-a de acordo com a realidade que se apresenta e, como lembra, Moita-Lopes (1998/2008), o pesquisador não deve levar uma teoria pronta e acabada para aplicá-la.

Para investigar a mudança de identidade de Burdão e entender a representação de mundo contida no livro, fui levado a dividir o livro em fases, correspondentes ao desenvolvimento da história do romance. O personagem Burdão, de estudante e trabalhador da comunidade, (Primeira Fase), muda radicalmente, sua identidade, tornando-se um criminoso (Segunda e Terceira fases), que mostradas, permitirão entender as condições que determinaram tal mudança.

Para decidir qual seria o critério que delimitaria cada fase, fiz uma releitura do livro, onde observei como acontece a relação das personagens principais, Burdão e o policial Lúcio Tavares. Assim, a primeira fase começa no capítulo um até o capítulo quatro. Nessa fase, Burdão é um jovem trabalhador e estudante e não se relaciona com Lúcio Tavares, esse apenas aparece como um policial corrupto que deseja ser o líder do tráfico da comunidade Vila Clementina; a segunda fase acontece do capítulo cinco até o capítulo dezoito. Nessa fase, o policial Lúcio Tavares é o comandante do tráfico na comunidade. Tavares, como líder do tráfico, quer todos os jovens trabalhando para ele. Burdão, ao negar essa oferta, torna-se inimigo de Tavares que, por sua vez, decide perseguir e prendê-lo; por fim, a terceira fase, do capítulo dezenove até o capítulo vinte e nove. Nessa fase, Burdão torna-se traficante e se opõe a Lúcio Tavares.

A partir da *Lista de Palavras*, utilizei a ferramenta Concordanciador a partir dos nomes das personagens, para buscar concordâncias e verificar inicialmente o que era dito sobre elas. A partir disso, analisei as representações contidas no livro *Graduado em Marginalidade* sobre a periferia. Depois que as fases foram construídas, propus categorias a partir dos tipos de processos da LSF, para conseguir apresentar as mudanças no comportamento, falas, ações, pensamentos, características de Burdão. Cada categoria representa, respectivamente, os processos *comportamental, verbal, material, mental e relacional*. É importante salientar que o sistema de transitividade, como mencionado na Fundamentação Teórica, constitui-se de seis tipos processos,

mas a pouca frequência de processos existenciais levou-me a excluí-los, pois essa baixa ocorrência nada acrescentava ao estudo.

A análise, com base na Linguística Sistêmico-Funcional, pela Metafunção ideacional, partindo dos processos, permitiu identificar os participantes e as circunstâncias, possibilitando assim o entendimento dos significados no texto.

As orações com processos materiais permitiram analisar as ações no mundo externo das diferentes personagens; pelas orações com processos comportamentais, procurei entender os tipos de comportamento das personagens nos contextos em que estão inseridos; as características das orações mentais ajudam a compreender o mundo interno das personagens que se apresentam em cada parte do romance; nos processos verbais, estudo quem diz o que e as características das mensagens produzidas pelas personagens; e por fim, as orações com processos relacionais, que são as identificações e atribuições das características dadas aos personagens pelo escritor.

Abaixo apresento o quadro 2, com as categorias de análises e os tipos de processos que as representam.

Categorias		Processos
Participantes (personagens)	Ações	Materiais
	Comportamentos	Comportamentais
	Pensamentos	Mentais
	Falas	Verbais
	Identidade	Relacionais

Quadro 2: Categorias de análises

Abaixo apresento o quadro 3, com a frequência de ocorrência e respectiva porcentagem dos léxicos Burdão e Lúcio, como um dado.

	Primeira fase		Segunda fase		Terceira fase		Total	
	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem	Frequência	Porcentagem
Burdão	24	0.44	146	0.68	113	0.96	283	0.73
Lúcio	7	0.13	69	0.32	28	0.24	104	0.27

Quadro 3: Aparição e Porcentagem

Como já informado, o trabalho teve início com o levantamento da frequência de ocorrência das palavras Burdão e Lúcio, o nome das personagens mais frequentes, na lista de palavras. Como essas personagens, além de se relacionarem entre si, também se relacionam com muitas outras, naturalmente, nos exemplos do capítulo de análise, haverá mais personagens. Vale lembrar que o estudo foca apenas na transformação identitária de Burdão, portanto, essa personagem é o foco de análise.

3- Apresentação dos dados e discussão dos resultados

"Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua própria escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado" Karl Marx

Neste capítulo discutirei as representações de mundo no livro "*Graduado em Marginalidade*" do escritor e morador de uma periferia paulista, Ademiro Alves (o Sacolinha). Utilizo a LSF, especificamente, a metafunção ideacional, do sistema de transitividade, responsável pelos elementos de conhecimento do mundo (a variável Campo), para interpretar o discurso e compreender as experiências de mundo do falante/escritor. Busco responder as questões de pesquisa apresentadas na introdução e aqui repetidas:

- 1- Como as escolhas léxico-gramaticais evidenciam as experiências de mundo no livro e o que elas revelam?
- 2- Qual a relação entre as escolhas léxico-gramaticais e o contexto de situação e como mudanças no contexto de situação são evidenciadas nas escolhas e vice-versa?
- 3- Como as escolhas léxico-gramaticais mostram a reconstrução da identidade de Burdão?

Parto da concepção de lingüística aplicada, representada em Moita Lopes (2008), e da LSF, cuja vocação e aplicação estão claras nos seus princípios e explicitadas em seus propósitos⁷, como ferramenta de empoderamento (Halliday 1994).

Assim, essa pesquisa busca trazer à tona a voz de um grupo marginalizado socialmente, representado pelas personagens e situações reconhecidamente da vida real, portanto, simbolizações da vida dos moradores da periferia.

Como foi apresentado no capítulo de Fundamentação Teórica, com respeito aos pressupostos da LSF, assumo que os significados são construídos

⁷ Como orientado no VI Congresso da ASFAL que trouxe a discussão do papel da LSF como ferramenta de empoderamento (<http://www.6alsfal-uece.com.br>)

socialmente e realizam-se por meio de textos ou discursos e, por meio deles, pode-se entender as representações de mundo do escritor/morador.

Ainda, como explicado na metodologia, levantei as principais ocorrências das personagens representadas pelos nomes Burdão e Lúcio, localizei as orações onde ocorrem, para entender as funções que ocupam como participantes do discurso (Halliday, 1994) e seus papéis (Van Leeuwen, 1998).

A partir dos significados nas orações que envolvem os participantes Burdão e Lúcio com os diferentes tipos de processos, durante este capítulo, analiso construção e a reconstrução da identidade de Burdão. Para isso, foi necessário separar o livro pelas seguintes fases:

Primeira Fase: Burdão como trabalhador e estudante

Segunda Fase: Burdão perseguido e encarcerado

Terceira Fase: Burdão como criminoso

Para estudar estas fases, utilizei o seguinte procedimento: analisarei os usos dos participantes Burdão e Lúcio no discurso do escritor que acompanhados por processos representam as relações das duas principais personagens do livro. Utilizando a ferramenta *concordance*, neste capítulo, mostro, pelas características da linguagem, as mudanças ocorridas em Burdão.

A partir dos significados nas orações que envolvem os participantes em contexto, com seus respectivos processos. Durante este capítulo, apresento as análises que discutem a construção e a reconstrução da identidade de Burdão. Para isso, foi necessária a criação das categorias, explicitadas na metodologia, e abaixo repetidas no Quadro 1.

Categorias		Processos
Participantes (personagens)	Ações	Materiais
	Comportamentos	Comportamentais
	Pensamentos	Mentais
	Falas	Verbais
	Identidade	Relacionais

Quadro 1: Categorias de análise

Essas categorias são fundamentais porque possibilitam interpretar as mudanças de ações, características, comportamentos, pensamentos e falas, conseqüentemente, os movimentos da reconstrução identitária de Burdão.

3.1- Primeira fase: Burdão como trabalhador e estudante

A primeira fase localiza-se entre os capítulos um e quatro. Nessa fase, Burdão é um jovem trabalhador e estudante e não se relaciona diretamente com o policial Lúcio Tavares.

Começo as análises com as mensagens contidas nas orações projetadas, onde analiso o conteúdo do que é dito. Essas orações podem ser projetadas pelos processos verbais, mentais ou mesmo os comportamentais, esse últimos acompanhados por nominalizações. Essa primeira categoria está sendo chamada de *Falas*.

1-Burdão acalmou-a: – Nós vamos lá no hospital resolver os problemas.

2-Depois de algum tempo, secou a face molhada e pediu que Dona Carmem desse consolo para sua mãe: – Eu vou agilizar as coisas, a minha mãe tá lá em casa deprimida, fica com ela até eu voltar.

3- (Burdão) Foi abraçar sua mãe e tentou achar a melhor forma de dar a notícia: – Mãe, o pai sempre foi feliz, ele tá lá no céu e não tá gostando de ver a gente chorar.

No exemplo 1, o processo verbal *acalmou* funciona como uma metáfora verbal, tendo como dizente Burdão. A oração projetada é o conteúdo que afeta o receptor da primeira oração, Dona Marina, mãe de Burdão, marcada pelo pronome *a*.

Nos exemplos de 2 a 3, Burdão aparece como dizente dos processos, *pediu que* e *de dar a notícia*, que projetam orações paratáticas. O conteúdo dessas orações projetadas mostra a ligação familiar de Burdão. Nesses exemplos, nos três fragmentos acima, Burdão assume, após o assassinato de seu pai, a função de homem responsável pela família.

Por essas orações projetadas, o escritor Sacolinha dá acesso direto à voz do dizente Burdão, que, ao ter sua voz explicitada, aparece como o protetor de sua mãe.

4-Entre olhares de interrogações (Escobar) cumprimenta Burdão e lhe dá um abraço. Após a saudação diz: – **Ó Burdão, fica sossegado, eu encomendei quatro ônibus para levar o pessoal ao enterro do teu velho. Ele merece mais.**

5- Escobar chamou o coveiro num canto, deu-lhe cem reais, e explicou: – **Isso aqui é para você manter essa cova sempre limpa, num deixa o mato tomar conta, tá legal?**

Nos exemplos 4 e 5, o dizente é o comandante do tráfico da Vila Clementina, Escobar, uma importante personagem na obra, inclusive, sendo uma das personagens mais frequentes na wordlist da primeira fase. Esses exemplos contextualizam parte do universo da periferia, trazendo importantes características dessa realidade, onde a sociedade estabelece, necessariamente, relações com a anti-sociedade. Escobar é a representação da anti-sociedade na primeira fase, por ele e, principalmente, por sua mobilidade entre os moradores da Vila Clementina, percebe-se a relação entre a sociedade e anti-sociedade, conforme Halliday (1982).

Escobar é dizente das orações projetadas pelos processos *diz* e *explicou*, cuja mensagem evidencia a ligação e a solidariedade do traficante à família de Burdão. O conteúdo das orações projetadas mostra o lado bondoso e generoso traficante, mas a circunstância da primeira oração do exemplo 4, *entre olhares de interrogações*, enfatiza a estranheza de alguns moradores, devido à presença de Escobar no velório. Por essa circunstância, pode-se observar sob qual realidade vivem os moradores da comunidade fictícia Vila Clementina, onde o traficante é respeitado e temido.

Os exemplos 4 e 5 mostram o papel exercido por Escobar na comunidade, além de revelarem o vínculo e a solidariedade do traficante à comunidade. Estes exemplos, como explicado na Fundamentação Teórica, contextualizam que a periferia é constituída por uma realidade particular, onde a sociedade coexiste com a anti-sociedade.

6-Vladi colocou a mão no ombro do amigo e acalmou: – **Sem estresse Burdão, tãmos com você.**

7-Ao término desse agradecimento, ouviu-se uma homenagem que vinha do fundo: – **Jorjão, Jorjão, Jorjão, Jorjão...**

No exemplo 6, o processo *acalmou*, assim como no exemplo 1, é uma metáfora verbal, pois significa acalmar por meio da fala. O dizente desse processo é Vladi, o melhor amigo de Burdão. No exemplo 7, *ouvir* é um

processo mental do tipo perceptivo (Halliday & Matthiessen 2004: 210) projetando o que foi ouvido (Halliday & Matthiessen 2004: 445). A oração paratática *Jorjão, Jorjão, Jorjão, Jorjão* é projetada pelo processo mental. As orações projetadas dos exemplos 6 e 7 explicitam o respeito destinado à família de Burdão. As mensagens até o exemplo 7 contextualizam as relações internas entre os moradores, mas há outros exemplos de orações projetadas que apresentam outras discussões.

*8-Burdão estava pensativo, acabara de desligar o telefone. **A bactéria da revolta cresceu** quando a **enfermeira falou** que seu pai havia levado sete tiros; dois no maxilar, três na perna direita, um na esquerda e o outro na barriga.*

O exemplo 8, na terceira oração, tem-se a metáfora gramatical *a bactéria da revolta cresceu*, a qual realiza a simbolização do ódio insurgente em Burdão. Nesse excerto, Burdão é participante alvo enquanto o outro participante, a enfermeira, é o dizente do processo verbal *falou que*, projetante da oração hipotática.

A mensagem da enfermeira é construída de maneira dura e, pode-se inferir, cruel, já que a morte foi noticiada pelo telefone. Essa discussão é oportuna, uma vez que a voz dos marginalizados está em destaque nesta pesquisa. Minha observação, nesta categoria de *Falas*, traz o porquê das escolhas por orações hipotáticas ou paratáticas, pois o escritor ao fazer escolhas por orações paratáticas (exemplos 6 e 7) constrói significados que favorecem os moradores da Vila, onde os diálogos mostram a proximidade física e, principalmente, as relações de solidariedade do grupo. A oração hipotática no exemplo 8 foca no conteúdo reportado, mas mostra o distanciamento entre Burdão e a enfermeira.

Os próximos exemplos não se referem à Burdão diretamente, mas reproduzem um momento que será importante, onde sua vida mudará. Esses exemplos reproduzem o momento de conflito entre Escobar e Lúcio pelo território.

*9-Desligando o celular, Escobar dá as ordens: – **Vâmo para o pico, eles estão na avenida tramando algum meio para subir aqui.***

10-Dentro da Mercedes Escobar emite autonomia.

– Esses pregos tão achando que vão dominar minha área, que ideia é essa? Vou torturar todos, vou pingar vela no corpo de cada um até os cabelos do cu bater palmas, eles vão ver.

11-A carabina foi para as mãos de Escobar que logo *praguejou*: – Porra, eles se separam. Vamos cercar as duas entradas, eles vão ser freados por balas.

12-Na avenida, junto aos carros parados encostam mais três. Escobar *começa a demonstrar medo*:– O pessoal lá embaixo não tá de brincadeira, quero ver todos vocês botando bronca.

Nos exemplos 9 a 12, os processos *dá as ordens, emite autonomia e praguejou* são processos verbais particulares, segundo Cabral e Fuzer (2010), típicos da narrativa ficcional que recebem dos processos comportamentais os traços de atitude, emoção e gestos expressivos. As orações projetadas, ou seja, as falas de Escobar, são realizadas no contexto de conflito entre facções, por isso revelam o poder e o papel de Escobar diante de seu grupo. Os exemplos trazem à tona o campo semântico de guerra, porque o policial Lúcio Tavares quer assumir o comando do tráfico na Vila Clementina, mas para isso precisa vencer Escobar.

Comparando os contextos de situação onde as falas de Escobar são realizadas, percebe-se as diferenças das mensagens e das ações. Quando ele aparece como dizente se relacionando com pessoas da comunidade, as falas e, também, as ações, o identificam como um membro comum desse meio social e que utiliza sua força e influência para preencher as lacunas deixadas pelo Estado, como nos exemplos 4 e 5, que Escobar aparece cuidando da comunidade. No contexto dos exemplos 9 a 12, Escobar está protegendo seu território da outra quadrilha, comandada pelo policial. Nesse contexto, as orações projetadas mostram Escobar como alguém implacável, por isso tem-se agora o lado violento do traficante, que utiliza toda sua força para continuar controlando o tráfico. Esta realidade conflituosa, representada no texto pelo escritor, é a simbolização de um mundo vivenciado por muitos brasileiros em qualquer comunidade pobre, pois há nelas os conflitos entre grupos rivais pelo controle do crime local⁸.

⁸ Enquanto pesquisador que se reivindica crítico, por atuar com metodologia interpretativista e, principalmente, por ter nascido em uma comunidade, entendo que minha visão de mundo a esse respeito é “privilegiada”, pois, vivenciei, em inúmeras vezes, assassinatos e tiroteios entre grupos de criminosos.

Ainda na primeira fase, destacam-se os usos dos processos relacionais. As orações relacionais são utilizadas para representar seres no mundo em termos de características e identidades. Os processos relacionais, na primeira fase, descrevem as características dos moradores da Vila Clementina, da própria vila e, principalmente de Burdão, como portador de atributos na perspectiva da metafunção ideacional e atributos positivos em uma análise interpessoal.

13-Burdão **foi diferente** de todos eles, quando largou a infância, **foi** para estudar e acompanhar seu pai nas rodas de samba.

14-Burdão **é** um devorador de livros e que se levasse apenas um ou dois, em menos de uma semana ele leria tudo

15-Jorjão **ensinou** seu filho a gostar de música brasileira. **Foi** com ele que Burdão **aprendeu a ouvir** Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jorge Ben Jor, Tim Maia, Milton Nascimento, Luiz Gonzaga e Dominginhos.

Nos exemplos 13, 14 e 15, os processos relacionais *foi diferente*, *foi* e *é* mostram as características de Burdão. O jovem é caracterizado por valores sociais que nossa sociedade entende como bons. No exemplo 13, duas entidades, Burdão e todos eles, são relacionadas pelo processo *foi diferente*, estabelecendo uma relação de distinção entre alguns moradores da Vila Clementina o que reforça a identidade de Burdão como jovem estudante com hábitos diferentes dos seus amigos. A metáfora gramatical *largou a infância* significa cresceu, portanto um processo comportamental, que indica a transição, aparentemente, tranquila da infância para a juventude. No exemplo 14, o processo relacional *é* tem como participante identificado Burdão e *um devorador de livro* como participante identificador, atribuindo a Burdão uma característica de leitor assíduo. No exemplo 15, o processo relacional *foi* constrói uma relação de discipulado entre Burdão e seu pai Jorjão, como se pode observar, Jorjão e Burdão cumprem papéis diferentes nessa oração. Os processos mentais do tipo cognitivo *ensinou* e *aprendeu a ouvir* apresentam dois fenômenos importantes *gostar de música brasileira* e *Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Jorge Ben Jor, Tim Maia, Milton Nascimento, Luiz Gonzaga e Dominginhos*. Os fenômenos revelam o tipo de

influência cultural da família de Burdão, inclusive, os artistas, apresentados no fenômeno, estão entre os preferidos da classe média brasileira, ou seja, Burdão também é constituído por valores e hábitos da classe média brasileira.

16-A Vila Clementina é um dos lugares mais paquerados pelos traficantes, **por ser um morro, é também um local onde a polícia é turista**

No exemplo 16, predomina os processos relacionais porque é a descrição da Vila Clementina que aparece como participante identificado nessas orações, recebendo as identificações e características de um lugar idealizado para se organizar o crime.

Os próximos exemplos referem-se ao policial Lúcio Tavares e seu grupo, formado por policiais e ex-policiais, que querem tomar o controle do tráfico. A identidade dos policiais é construída de forma negativa.

17- (Lúcio) **Foi convocado** várias vezes, e **recebeu** elogios raros do governo do Estado de São Paulo

18-Lúcio **tem** um currículo com vinte e dois assassinatos, **cheira** cocaína, **extorque** aqueles que são encontrados fumando maconha, **prende** os assaltantes e **fica** com o dinheiro dos assaltos, e toda sexta-feira **tem** um itinerário a seguir onde nele há desmanches e bocas-de-fumo

19-Ele é um dos vários policiais que usam a profissão como um meio de ficar bem na vida, **roubando, matando, extorquindo e esculachando** cidadãos

No exemplo 17, Lúcio é representado na oração material, como beneficiário do processo *foi convocado* e receptor dos elogios, enquanto o *governo do estado* é ator e dizente desses processos. Nesse exemplo, Lúcio é construído como um policial de confiança do governo, portanto, sua autoridade policial é inegável, mas os exemplos 18 e 19, constroem uma outra identidade de Lúcio. O processo relacional *tem* revela que o policial é possuidor de um currículo de muitas mortes, enquanto os processos materiais mostram as ações negativas e não compatíveis com alguém representante da lei. No exemplo 19, há, nitidamente, um julgamento sobre a corporação policial, marcado pelo fenômeno *um dos vários policiais que usam a profissão como um meio de ficar bem na vida*, ainda no mesmo exemplo, os processos materiais

estão no tempo presente e construídos por gerúndios, mostrando ações contínuas dos policiais.

Nesses exemplos, Lúcio é apresentado como policial corrupto que prejudica pessoas inocentes e utiliza sua farda para cometer os crimes que deveria combater. Lúcio, na obra, é a simbolização da instituição polícia na periferia, o que é revelado pela maior parte das músicas de Rap ou textos das literaturas produzidas nas periferias denunciam o papel da polícia.

20-*E agora, ele, Lúcio, policial **elogiado** pelas autoridades, está ali, **querendo** o trono do tráfico*

21- *O grupo de Lúcio já estava próximo dos carros de Escobar, Odilon ficou de frente para o grupo e atirou em direção a eles, não acertou ninguém, foi acertado. Chilon, percebendo que só sobrou ele, tentou se entregar, mas com a escuridão, Lúcio achou que fosse Escobar, e sem pesquisar **derrubou** a sombra que estava de mãos para cima. Pronto. Escobar e sua turma estavam á caminho do inferno.*

22-*Lúcio ainda cabreiro continuou em pose de ação, até que encontrou o corpo de Escobar, que junto com os outros formavam seis, relaxou os braços com a arma no punho, e **ordenou**:– **Vamos agilizar logo isso, não deixem nem um fio de cabelo.***

23-*Tavares continuou: – **Bom, deixa eu me apresentar. Eu sou Lúcio, estou sucedendo o Escobar, que há essas horas deve estar servindo de mesa para o diabo. Estou a caça de dois caras pra ser meus funcionários. Essa Vila tem que consumir pelo menos 30% do meu carregamento que chegar todo mês. E por você ter tido um pai respeitado aqui na área, tudo indica que a sua pessoa também faz presença aqui nesse pedaço de mundo. Estou certo?***

Os exemplos pertencem ao momento em que Lúcio e sua quadrilha vencem o conflito contra Escobar. No exemplo 20, os processos verbal e mental, respectivamente, *elogiado* e *querendo* constroem uma ironia, principalmente, porque o processo mental tem como fenômeno *o trono do tráfico*. O dizente, *as autoridades*, é desconstruído como instituição imparcial e honesta, pois o alvo de seus elogios é um policial corrupto. Os exemplos colocam em destaque o policial Lúcio, que é a simbolização da instituição polícia. Lúcio Tavares é igualado aos criminosos comuns.

No exemplo 21, as orações constroem o conflito entre os grupos de Escobar e Lúcio. O grupo dos policiais aparece como ator lógico dos processos materiais, ou seja, depois de invadir a comunidade para matar Escobar e sair vencedor do conflito, torna-se o novo traficante. O processo material *derrubar*, cujo significado traz a idéia de matar, é um dos vocábulos de antilinguagem encontrados no livro. Esse verbo, a primeira vista, oculta o seu real significado

quando produzido por uma anti-sociedade de criminosos, no entanto, o contato entre o povo pobre das comunidades e as anti-sociedades criminosas pode ser identificado porque esta relação deixa suas marcas nos textos, como Halliday (1982) já havia identificado na língua inglesa.

As orações paratáticas têm como dizente Lúcio. O processo verbal *ordenou*, no exemplo 22, revela o poder de Lúcio diante do grupo. A oração projetada por esse processo traz uma ordem e uma preocupação. Lúcio quer tudo limpo porque se trata de uma comunidade que poderia lhe causar problemas pelo crime cometido. O conteúdo da oração projetada mostra a percepção de Lúcio, pois sem a presença física do grupo de Escobar e sem seus corpos, não haveria outro poder no controle do tráfico e nem símbolos de resistência.

24-A turma de Lúcio **formada** de nove homens (dois policiais, com ele três e mais seis ex-policiais).

No exemplo 24, o centro é o processo relacional *formada*, especificamente, um processo relacional atributivo indicador de posse. O participante portador é *a turma de Lúcio* e a atribuição é *nove homens (dois policiais, com ele três e mais seis ex-policiais)*. Esta realidade ficcional pode ser comparada a casos como do Rio de Janeiro, onde as milícias assumem o papel dos criminosos, como apresentado no filme *Tropa de elite 2*. Fatos como os do Rio de Janeiro mostram como a polícia assumiu o comando de inúmeros morros, após matarem os traficantes locais.

3.2. Segunda fase: Burdão perseguido e encarcerado injustamente

Na segunda fase, a relação entre Lúcio e Burdão é de outra natureza. Lúcio agora é o comandante de uma poderosa quadrilha de policiais e ex-policiais que controla a Vila Clementina. Os policiais recrutaram jovens da Vila Clementina para gerenciarem e venderem as drogas, mas Burdão não aceita. Lúcio sabe que tendo pessoas respeitadas na comunidade, ao seu lado, os

negócios dele iriam melhorar, por isso a negativa de Burdão é entendida como uma afronta e Lúcio decide persegui-lo.

As análises apontaram, na segunda fase, dois momentos significativos marcados pelo uso dos (1º) processos materiais e (2º) processos mentais. Os processos materiais constroem as ações realizadas por Lúcio e seus comandados enquanto os processos mentais trazem a angústia e a crise de identidade de Burdão.

Comparando a ficção e a realidade das periferias brasileiras, tem-se, por estes dados, a compreensão de como traficantes e milicianos assumem com certa facilidade o comando do tráfico nas comunidades pobres. Socialmente, espera-se que o Estado garanta a proteção de todos, por meio da justiça, na qual a polícia faz parte, mas os exemplos do livro relatam o inverso. O livro faz uma denúncia ao autoritarismo e ao abuso de poder dos policiais.

Na obra, Lúcio Tavares aparece como ator de violência, representando a percepção do escritor sobre a polícia e a prática de violência que, no contexto da obra, justifica a mudança da conduta de Burdão.

Os processos materiais, na segunda fase, quando ocorrem com os participantes Burdão e Lúcio Tavares, realizam papéis diferentes. Burdão, predominantemente, é beneficiário nas orações passivas, e Lúcio é ator nas orações ativas. Essa forma discursiva, como apontada por Van Leeuwen (1998), mostra a representação dos atores sociais no discurso.

*25-Lúcio **aumentou** seu time convidando esses dois para entrarem no jogo. Também **aumentou** o salário de todos os seus homens e disse que queria ver serviço, que o dono dali é ele e que o substituto é o seu filho que ainda faz cocô nas fraldas.*

*26-Os homens de Lúcio Tavares **cobram** dinheiro dos comerciantes, dizendo que é para pagar a segurança que eles estão fazendo.*

*27-(Lúcio) **Pegou** o prato que estava no criado mudo, e **colocou** no colo dela (Prostituta), **chegou** o nariz dentro da louça e **cafungou** o círculo desenhado de cocaína. Logo em seguida **apertou** um baseado e pediu para que ela trouxesse duas doses de uísque. Agora vai curtir o relaxamento que o orgasmo da cocaína produz.*

Nos exemplos 25, 26 e 27, Lúcio é participante ator nas orações que marcam a ativação (Van Leeuwen, 1998). A construção da estrutura ativa representa a polícia como produtora de violência ou de alguma ilegalidade. Os policiais aparecem em posição temática. Esta estrutura discursiva é marcante na segunda fase, possibilitando entender como e o porquê os participantes são

representados no discurso. Nos exemplos discutidos, a ativação significa o poder e o papel da polícia na comunidade, bem como suas ações autoritárias e criminosas, além de revelar a denúncia contra a polícia. A LSF diz que as escolhas lexicais são determinadas pelo contexto, portanto, a construção dos atores sociais na forma ativa da oração, traz em seu bojo a experiência vivenciada, de alguma forma, pelo escritor.

No exemplo 27, há um predomínio de processos materiais, e Lúcio é participante ator no uso de drogas. No Brasil, o usuário de drogas é criminalizado, se tratando de um policial, o ato é inaceitável, tanto pela sociedade e, principalmente, pela instituição polícia. O processo *colocou* tem como participante beneficiário, marcado no pronome *dela*, uma prostituta, ou seja, um membro da anti-sociedade. O exemplo mostra o papel ativo da anti-sociedade nas comunidades.

28-(Burdão) **Seguiu** essa rotina por algum tempo, até que um dia, quando voltava do trabalho, **foi abordado** por uma viatura policial, onde de dentro **saíram** três fardados, entre eles, Lúcio Tavares.

29-*Após Burdão **ter tomado** geral, Lúcio **tirou** da viatura um saquinho plástico contendo maconha e **jogou** na mão do policial que fez a revista.*

30-*Um carro particular parou atrás da viatura, Lúcio entrou e o carro saiu. Na viatura Burdão **foi jogado** no chiqueirinho e a arca **partiu***

Nos exemplos 28, 29 e 30, as orações passivas marcadas pelos processos materiais, *foi abordado*, *ter tomado* e *foi jogado* constroem Burdão como beneficiário, na terminologia de Halliday, da ação policial. Estas posições discursivas constroem a sujeição (Van Leeuwen, 1998), frequente na segunda fase. Burdão aparece como beneficiário das violências produzidas por Lúcio. Nos exemplos acima, Burdão aparece como agente apenas na ação de ir ao trabalho, marcada anaforicamente pelo processo *seguiu* enquanto, nos mesmos exemplos, os *processos saíram*, *tirou*, *jogou*, *entrou*, *saiu* e *partiu* constroem as orações em sua forma ativa, tendo como ator os policiais, ou seja, estas estruturas revelam a representação do escritor sobre as ações de injustiças e crimes que a polícia comete.

No exemplo 29, Burdão é beneficiário de uma abordagem, ação policial considerada legal. A forma *tomou geral*, construída na forma passiva revela a sujeição, contendo em si, a impossibilidade da reação. Nesse exemplo, pode-

se questionar os critérios utilizados pela polícia para abordar alguém, pois, a escolha do suspeito parece ser altamente subjetivo, como neste exemplo. Na obra, a abordagem é uma ação criminosa, por meio do abuso de poder. Esses exemplos mostram a atuação preconceituosa da polícia nas comunidades pobres. É importante enfatizar que a palavra de um policial, em primeiro momento, é a verdade, pois o juramento de proteção à sociedade prevalece contra as vozes questionadoras, por isso, a ação da autoridade policial é suficiente para forjar um crime não cometido por Burdão. O autor constrói a cena, por meio das ações dos policiais, marcada pela metáfora gramatical *ter tomado geral*. Esta metáfora pode ter sido construída nas anti-sociedades criminosas, portanto, pode ter sido uma antilinguagem característica do crime ou mesmo um jargão da polícia que devido ao contato com as periferias passou a ser utilizada nas comunidades. Por não ter elementos históricos para fazer esta discussão específica, apresento as discussões possíveis sobre essa forma realizada. Como atuante em comunidades, percebi que raramente um morador de periferia irá dizer que *foi/fui abordado* pela polícia. A construção comum é: (eu) *leve* *geral* ou (ele/ela) *tomou* *geral*, de qualquer forma, é um registro pertencente ao contexto de situação da periferia que demonstra a imponência da polícia sobre os moradores.

31-De início (Burdão) **levou** diversas borrachadas nas costas, depois um policial retirou do bolso fios parecidos com o conduíte de motocicleta, e como se Burdão fosse o culpado de todas os problemas do mundo, recebeu várias chicotadas nas coxas peladas, pois minutos antes os policiais rasgaram as roupas do seu corpo.

32-Depois que Burdão **foi torturado**, não mais sentia o cheiro doce e suave que as flores ofereciam, não sorria e perdeu o amor pelas coisas. O branco dos seus olhos foi tomado por diversos riscos vermelhos. Evitava conversar com outros presos, a não ser João Ligeiro e Benon.

33-Depois de tanta tortura, Burdão entra no consultório médico, que com o seu estado precário parece mais uma cela de presídio.

34- Com certa dificuldade os policiais **colocaram** Burdão nu pendurado pelas pernas no cano de ferro, mas ele não entendeu o por que dos três policiais **terem saído** da sala sem mais nem menos, parece que **foram atender** a uma emergência. Se apavorou mais ainda, iria ter que esperar a surra e isso também era uma tortura.

35-Para a surra **chegar** na cela onde Burdão e Pica-pau **estavam**, **faltavam** ainda mais três, e isso já era uma tortura dolorosa. Eles **ouviam** os outros presos **gritarem** de dor, parecia que os caras **não iriam agüentar** de tanta pancada que os policiais **davam**.

36- **Um chute na altura do peito fez com que cancelasse seu pensamento**. Em seguida um dos encapuzados **pegou** o cassetete e **desferiu** uma pancada na coxa esquerda de Burdão, um grande calombo **apareceu** e **passeou** nas pernas dele até desaparecer

Os exemplos 31, 32 e 33, são explícitos e marcam Burdão como beneficiário das ações dos policiais. Os processos materiais *levou, recebeu, foi torturado e foi tomado* são realizados em orações passivas e constroem a sujeição. Burdão é o Beneficiário e o Lúcio ou algum comandado aparece como Ator nas orações materiais. As posições ocupadas pelos participantes nas orações desses exemplos, revelam como as escolhas léxico-gramaticais refletem o posicionamento ideológico. Van Leeuwen (1998) mostra como a aparição ou a exclusão dos atores sociais são providas de valores sociais e ideológicos, portanto, as orações ativas e passivas representam o papel ocupado no discurso. Van Leeuwen (1998) analisou jornais destinados à classe media da Austrália, buscando demonstrar como o discurso racista é construído. Seus resultados demonstraram as formas de exclusão dos atores sociais, principalmente, os agentes as racistas. Dentre os diversos recursos linguísticos possíveis para o apagamento dos atores sociais, a supressão e falta de referências se destacam.

No caso de Van Leeuwen, a supressão, a pouca visibilidade e a falta de referência, possibilitou esconder as ações racistas e, conseqüentemente, proteger os agentes das ações, membros racistas da elite e do governo australiano. No livro de Sacolinha, como se pode perceber, nos exemplos, os atores sociais não são apagados, ao contrário, são incluídos, na terminologia de Van Leeuwen (1998), são incluídos. A diferença fundamental entre os jornais analisados por Van Leeuwen e o livro "*Graduado em Marginalidade*" é a questão ideológica, pois os jornais querem proteger a elite racista australiana, enquanto no livro há uma denúncia contra a polícia.

Na segunda fase do livro, a violência demasiadamente brutal é representada pelos processos materiais e Lúcio ou algum policial sob seu comando aparece como ator. As orações materiais são construídas pelas formas passivas e ativas e Burdão é sempre beneficiário das ações violentas. Há duas estruturas de orações materiais, na segunda fase, realizadas pelas seguintes formas: (1) TEMA IDEACIONAL⁹ + PROCESSO MATERIAL + ATOR e (2) TEMA IDEACIONAL + PROCESSO MATERIAL + BENEFICIÁRIO.

⁹ Tema ideacional é o primeiro elemento da oração, pode ser uma circunstância, participante ou processo no sistema de transitividade.

Halliday (1994) entende como tema o primeiro elemento experiencial da oração e todo o resto como rema. Nas duas estruturas, o rema apresenta a violência e especifica o tipo de ação, a diferença, principal, nas estruturas é o que pretende explicitar, o beneficiário da violência ou o agente da mesma.

Como informei no início deste item, a segunda fase, é marcada por dois momentos significativos, construídos, respectivamente, pelos processos materiais e mentais. Os processos materiais revelam os tipos de ações e como elas são construídas no discurso do escritor, por isso, os próximos exemplos são de processos mentais, ainda que não sejam os mais freqüentes na obra, estes revelam a crise de identidade de Burdão.

Os exemplos 37 a 39 mostram como as torturas afetam o comportamento e conturbam a mente de Burdão.

37-Burdão **está aterrorizado, já sabe** o que vai acontecer, e o pior é que não pode fazer nada, **conheceu** fatos desse tipo que envolveram seus colegas do passado, os que tentaram resistir morreram. Puta que pariu, o que mais falta agora?

38-**Nunca imaginou** cair num local desses que via na TV e lia em livros. **Sabe** que lá dentro é muito pior, ainda mais pra ele que nunca cometeu crime algum, ser jogado no meio de um monte de homicida, bandidos perigosos e traficantes.

39-Burdão *parou de chorar, não por resistência, mas por ódio, não entende* a força que o ser humano tem para fazer o mal. **Não está entendendo** por que o fato ocorrido foi com seu pai, aliás, grande pai, caminhoneiro, trabalhador, homem dedicado ao maior patrimônio do mundo que era sua família, família que ele *respeitava e cultivou* com todo o amor reinante dentro daquele ser.

Os processos mentais realizam as experiências do mundo da consciência, por eles, realizam-se a percepção da realidade, a afeição, a cognição e o desejo. Nos exemplos 37 a 39, Burdão é o participante experienciador em todas as orações. Se as ações do mundo físico, marcadas nos processos materiais, mostram a dor e o sofrimento de Burdão, os processos mentais revelam as reflexões de Burdão sobre o mundo. Os processos mentais *está aterrorizado, já sabe e conheceu*, no exemplo 36, revelam a experiência negativa com a polícia, pois a realidade lhe dá elementos objetivos para isso. A polícia é representada como o opressor da comunidade Vila Clementina, essa tendência é comum nos textos de artistas das diversas periferias brasileiras. O Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), no ano de 2010, a pedido do Governo Federal, desenvolveu

uma pesquisa sobre a segurança pública que mostrou como os brasileiros não confiam na polícia.

Nos exemplos 38 e 39, Burdão é experienciador dos processos *nunca imaginou, não entende e não está entendendo*. Esses processos são os mentais cognitivos, ou seja, representam o que é pensado por Burdão, por serem acompanhados por elementos de negação, mostram as indagações sobre a situação vivenciada.

Nos exemplos 40 a 46, os processos mentais mostram o auge da crise de Burdão. Esses exemplos podem ser entendidos como a metáfora sobre a construção das violências sociais. Burdão não nasceu na criminalidade e mesmo convivendo com a anti-sociedade criminosa, nunca pertenceu a ela, mas as ações por parte do Estado, representado pela polícia, colocam Burdão em uma reflexão profunda sobre sua vida.

40-Burdão tem a mente muito produtora, e nesses dias que se passaram **vinha pensando** coisas terríveis. **Refletia** na morte de seu pai, a sua mãe sofrendo, o local em que mora sendo destruído aos poucos, os seus amigos que agora fumam maconha, e ele sem emprego

41-Burdão **lembrou** do seu pai, quando este estava no bar do “Manelão” e na sinuca não tinha pra ninguém. **Lembrou** de quando ele lhe ensinou a dirigir, **relembra** de quando ele conseguiu apartar na conversa, uma briga de dois trabalhadores que iria finalizar em tragédia, já que os dois estavam armados de faca.

42-**Lembrou** do sofrimento da sua mãe antes de morrer, da morte de Vladi e do seu bairro

43-Também **pensou** na sua mãe que morreu na flor da idade... Flor, e cadê o fabuloso cheiro das flores que costumava inspirar?

44-Ficou só, no canto do pátio. Na sua mão esquerda o bilhete que ele começou a rasgar vagarosamente. **Falava consigo** mesmo que não irá se submeter a essa humilhação, vai conversar com o cara e dizer a real, não importa o status que tem ali dentro, pode ter o diabo a quatro que Burdão só quer continuar tendo o seu caráter e a sua dignidade.

45-Nesse instante **tinha ódio, queria** se vingar, o ódio que tomou conta de si é o mesmo que sentiu quando soube como o seu pai foi baleado.

46-Todos esses pensamentos ruins **estavam agora alojados** em sua cabeça, cabeça que dói devido aos murros que a pouco recebeu dos policiais. Tudo isso é culpa de uma só pessoa; aquela que matou Vladi, e outras mais, aquela pessoa que está acabando com a Vila Clementina, essa pessoa que lhe jogou na cadeia, e que cedo ou mais tarde vai pagar por tudo isso, por toda essa desgraça, com certeza irá pagar.

Nos exemplos acima, destaquei os processos mentais, onde se explicitam as crises de Burdão. Todos os processos, nestes exemplos, fazem referências às ações sofridas. A crise identitária é a crise entre ser um criminoso ou continuar a sua vida honesta, mas o sofrimento causado a ele é imenso. O processo *refletia*, no exemplo 40, tem como fenômeno a explicação para a crise de Burdão *morte de seu pai, a sua mãe sofrendo, o local em que mora sendo destruído aos poucos, os seus amigos que agora fumam maconha, e ele sem emprego*. Esse fenômeno funciona como uma metáfora da vida dos milhões de pessoas nas comunidades.

É importante observar o papel das ações materiais sobre a crise identitária, pois as ações violentas influenciam seu comportamento. No exemplo 45, o processo mental desiderativo *queria* exprime no fenômeno o seu objeto de desejo *se vingar*. Ao relacionar as ações materiais à construção do comportamento significa questionar o papel do Estado na Vila Clementina, pois, ao não proteger e, principalmente, ao oprimir, torna-se responsável pelos problemas sociais.

A partir da percepção de sua realidade, Burdão começa a reestruturar sua identidade e a reconstrói. Burdão transforma-se em criminoso.

3.3 Terceira fase: Burdão como criminoso

As ocorrências dos tipos de processos mostram a mudança identitária de Burdão, principalmente, pelos processos materiais e verbais, que nitidamente revelam as mudanças nas falas e nas ações de Burdão.

47--Bom, antes (Burdão) tinha amor, humildade, pensamentos positivos, conselho, confiança e compreensão. Mas isso era antes, porque hoje, neste exato momento, há o ódio em pessoa.

O exemplo 47, construído por processos relacionais *tinha e era no tempo passado*, mostra a mudança de Burdão, pois, o jovem que não se envolvia nos crimes, deixa de ter *amor, humildade, pensamentos positivos, conselho, confiança e compreensão* para aceitar o ódio, marcado pelo processo relacional *há*, com sentido de *tem* na terceira oração. Esse exemplo evidencia a transformação de Burdão, que agora tem uma nova forma de entender o mundo.

48-Antes de dormir, Burdão **chegou a seguinte conclusão**: Se montasse uma quadrilha, daria para ficar rico só assaltando bancos por aí. Mas sua intenção não é ficar rico, e sim recuperar sua identidade moral, com juro, tudo que tiver direito, e de preferência sem justa causa.

O processo mental *chegou a seguinte conclusão* projeta a oração *se montasse uma quadrilha, daria para ficar rico só assaltando bancos por aí*. Essa oração projetada mostra que Burdão decide organizar uma quadrilha, portanto, precisa de outros criminosos ao seu lado. O desejo de Burdão revela a necessidade de sua reconstrução em um grupo, uma anti-sociedade, que o aceite, portanto, como diz Halliday (1982), Burdão dá início ao processo de reconstrução da segunda vida. A identidade de jovem trabalhador e estudante de Burdão foi destruída. No processo de reconstrução de sua identidade, Burdão vê a sociedade externa à periferia como sua inimiga. Ele precisa se organizar na anti-sociedade, pois, somente com os iguais a ele, poderá sobreviver dentro de uma realidade que primeiro lhe oprimiu, por isso, segundo Halliday (1982), a anti-sociedade também é uma contra-realidade.

49-Burdão **cutucava** a cabeça do policial com o cabo da arma. Assustado e com os braços ao alto, o carcereiro apareceu, na cintura dele estava o que Burdão **queria**.

50-Burdão **acordou** os cinco só com coronhadas no lombo, (policiais) **iriam reagir**, mas ao perceberem que não estavam mais armados e que o grupo adversário estava com toda vantagem, apenas resmungaram uma frase inútil.

51-Lá dentro Burdão **dava coronhadas** nas costas do gerente que se negava a abrir o cofre: – Não tô aqui de brincadeira, é melhor abrir logo essa porra, senão o que vou abrir vai ser um buraco no seu peito. – Berrou Burdão com um sentimento de ódio nos olhos lembrando das vezes que ele e seus pais foram humilhados nas agências bancárias.

Se na segunda fase Burdão aparece como beneficiário de violência, na terceira fase os processos materiais revelam sua mudança. Burdão torna-se ator nos processos materiais. A estrutura dos exemplos 49 e 50 mostram que, como na segunda fase, a violência é registrada em orações ativas pelos atores dos processos materiais e, por sua vez, os beneficiários nos processos são construídos pela sujeição. No entanto, na terceira fase, Burdão não é mais o participante Beneficiário, sua posição na oração é de ator, agente da violência.

Nas orações dos exemplos 49 e 50, Burdão é ator na perspectiva do sistema de transitividade e tema pela Metafunção Textual. Nos exemplos há

um predomínio de orações na forma ativa, enquanto os policiais, marcados nas anáforas, são representados pela sujeição. A forma, que realiza a violência, traz a ideia de vingança, pelos mesmos métodos que Burdão foi oprimido. É pertinente observar que a estrutura de como a violência é registrada merece ser investigada em estudos posteriores, pois, pode ser que em diversos gêneros textuais, em língua portuguesa, a violência seja construída por essa forma.

No exemplo 51, Burdão é ator do processo *dava* (*coronhadas*) e o beneficiário dessa ação violenta é um gerente de banco. Esse exemplo mostra a violência social, pois Burdão reage a uma violência que sofreu. Neste mesmo exemplo, a oração paratática “*Não tô aqui de brincadeira, é melhor abrir logo essa porra, senão o que vou abrir vai ser um buraco no seu peito*”, mostra a mudança nas mensagens, que estão carregadas pelo ódio.

Como dizente, na terceira fase, Burdão constrói textos de ameaça e carregado de violência. O processo verbal *Berrou* é carregado de sentido comportamental, pois, há também uma mudança de comportamento em Burdão, como ocorreu na primeira fase com o Escobar. No mesmo exemplo, Burdão é sensor do processo *lembrando* tendo como fenômeno *das vezes que ele e seus pais foram humilhados nas agências bancárias*. O fenômeno mostra a revolta internalizada em Burdão contra as opressões, no caso do exemplo, a instituição bancária.

52-Assim que Burdão **adentrou** a viela da Fogueira, viu dois homens da turma de Lúcio **correndo**. Não pensou duas vezes e **atirou**; **conseguiu derrubar** um, o outro nem foi preciso, **escorregou** no barro e **bateu** a cabeça num paralelepípedo que as crianças **usaram** como trave no futebol daquela tarde.

53-O Burdão **finalizou** o destino de dois policiais que sobreviveram na batida, mas nenhum deles era Lúcio. **lam trocar** as armas, mas **perceberam** que as suas eram melhores que as dos policiais ali mortos.

Os usos dos processos materiais, nos exemplos 52 e 53, revelam a mudança de posicionamento na vida. Segundo Halliday (1982), os contextos de cultura e de situação constroem os valores sociais realizados na linguagem. A periferia é o local de coexistência entre sociedade e a anti-sociedade criminosa, por isso o morador da periferia está mais suscetível a se reconstruir em uma anti-sociedade de criminosos.

As metáforas *conseguiu derrubar* e *finalizou*, significam matar, portanto, são processos materiais que registram a ação do assassino Burdão. Como visto na fundamentação teórica, os processos materiais representam as ações humanas no mundo externo. Os processos materiais na terceira fase continuam realizando as representações sobre a violência, mas as ações violentas são realizadas por Burdão.

54-Burdão **procurou agilizar** o enterro de Dona Mara o mais rápido possível.

No exemplo 54, Burdão, assim como Escobar na primeira fase do livro, tem um bom relacionamento com os moradores da comunidade. A metáfora gramatical *procurou agilizar* significa *ajudou, organizou e resolveu*, ou seja, é um processo material. Neste exemplo, Burdão é ator de uma bondade, portanto, mesmo como líder do tráfico, está preocupado com a comunidade da Vila Clementina.

Por simbolizar a realidade, a Vila Clementina é a metáfora de uma comunidade pobre. As descrições no texto de Sacolinha são a representação da sociedade, no entanto, é a voz de um escritor da periferia.

Traficantes como Burdão e Escobar precisam coexistir em um mundo onde obtenham segurança. Por isso, somente na periferia, eles serão reconhecidos, respeitados ou mesmo temidos, pois é a periferia seu local de origem. Esta situação explica o fenômeno da simbiose entre duas realidades, explicitada por Halliday (1982), uma vez que há uma coexistência entre a sociedade e anti-sociedade criminosa.

55-Burdão ainda **mandou recado**:– *Avisa ao patrão de vocês que se tentar qualquer coisa contra nós, a casa dele vai cair, já tenho toda a capivara dele, e avisa que não estamos sozinho, e que dessa vez não matamos, mas na próxima não garantiremos ninguém.*

56-Burdão **citou** os caixas: – *Não é pra deixar um centavo, porque na hora de subir o morro não deve ter economia, os tanques têm que estar entupido de gasolina, e as armas municadas até a boca.*

57-Burdão **mandava os comes e bebes junto com o aviso**:– *Que não abusem da bebida porque vocês são responsáveis pela segurança da Vila.*

Pelos processos verbais nos exemplos 55, 56 e 57, pode-se perceber o poder de Burdão sobre outros criminosos. Os processos *mandou*, *citou* e *mandava* projetam orações paratáticas e pelo conteúdo de cada mensagem, fica marcada a nova posição de Burdão, além de mostra-lo como líder do bando. Nestes contextos verbais, Burdão possui um papel privilegiado em relação aos outros criminosos, privilégio marcado pelo modo imperativo nos verbos. Esses processos verbais mostram o poder nas mãos de Burdão, o poderoso traficante da Vila Clementina, que desarticulou a quadrilha de Lúcio e tomou este poder para si.

O exemplo 58 é importante ser analisado, tanto para o contexto de realização da obra, quanto para estudos de realização linguística, pois o processo *mandava* cumpre dois papéis simultaneamente, sendo verbal e material. Esse processo não está entre os processos com significados fronteirios, na representação circular de Halliday (1994). Este processo explicita a ordem de Burdão e ao mesmo tempo a ação dos seus subordinados.

Para exemplificar, pode-se fazer a seguinte separação:

<i>Burdão</i>	<u><i>Mandava</i></u>	<i>os comes e bebes</i>
Ator	Processo material	Meta

<i>Burdão</i>	<u><i>Mandava o aviso</i></u>	<i>– Que não abusem da bebida porque vocês são responsáveis pela segurança da Vila.</i>
Dizente	Processo verbal	Oração projetada paratática

O exemplo, pela função de processo material, apresenta Burdão como Ator do processo material *mandava* tendo como Meta *os comes e bebes*. Na significação do processo material, Burdão age em prol de seus subordinados, portanto, se preocupa com o bem estar de seus companheiros de quadrilha, por isso lhes envia alimentos e bebidas. O processo *mandava*, funcionando como processo verbal, projeta a oração paratática *que não abusem da bebida porque vocês são responsáveis pela segurança da Vila*. A oração projetada traz uma ordem explícita, pois o papel de líder do bando é de Burdão.

Pelos dados pode-se observar a mudança identitária de Burdão, a gramática de Halliday, especificamente o sistema de transitividade foi fundamental, pois possibilitou a compreensão dos aspectos de mudança de Burdão. As categorias propostas para as análises, a partir dos tipos de processos, possibilitaram esta reflexão.

Considerações Finais

“60% dos jovens de periferia, sem antecedentes criminais, já sofreram violência policial. A cada 4 pessoas mortas pela polícia 3 são negras. Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros. A cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo”
Racionais MC's

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a mudança da identidade da personagem Burdão, na representação de mundo no livro *“Graduado em Marginalidade”*. Para isso, elaborei as perguntas apresentadas no capítulo de metodologia e repetidas no capítulo de análise de dados, para nortearam minha investigação. Assim, busquei entender os valores sociais contidos na representação do livro de Sacolinha. A base teórica para a realização da pesquisa foi a LSF, especificamente o sistema de transitividade.

Desde o início desta pesquisa, busquei elementos teóricos e metodológicos que facilitassem as discussões sociais. Por aceitar à concepção da linguística Crítica, entendo que não há neutralidade em pesquisa, por isso, apresento uma discussão que contrapõe jornalistas como o Datena, defensores da instituição polícia. Vários nomes da grande mídia, que defendem a polícia, poderiam ser citados, no entanto, cito este porque em alguns saraus da periferia que participei, ouvi frases como: “venha Datena e traga a polícia para ver a violência da periferia”.

Este trabalho valoriza uma outra voz, ou seja, as representações das vozes do sul, Santos (2000) e Moita-Lopes (2008). Dar visibilidade as vozes dos marginalizados nas pesquisas, significa acompanhar Sève (2001), pois, contrapor uma representação de mundo com outra, é trazer a baila a batalha das representações.

Nesta seção, explico as respostas encontradas as pergunta e, em seguida, apresento a contribuições e sugestões para novos estudos.

A primeira pergunta foi formulada da seguinte maneira:

- 1- Como as escolhas léxico-gramaticais evidenciam as experiências de mundo no livro e o que elas revelam?

As escolhas léxico-gramaticais do escritor estão relacionadas diretamente ao contexto de situação vivenciado pelas personagens, portanto, os resultados estão em acordo com Eggins e Martin (2000:338), quando dizem que o contexto parece entrar no texto, a ponto de influenciar suas palavras e as estruturas utilizadas na realização. Os tipos de processos permitem entender a representação sobre como acontece a mudança identitária de Burdão.

Os processos relacionais, na primeira fase, apresentam a identidade e o caráter positivos de Burdão. O traficante Escobar também é destacado na primeira fase, aparece com duas personalidades distintas, uma quando se relaciona com os moradores da Vila Clementina e a outra no conflito com Lúcio Tavares. A relação entre Burdão e Escobar é a realização de duas realidades que coexistem na Vila Clementina, ou em qualquer comunidade pobre, onde bandidos e os trabalhadores convivem em um mesmo espaço físico.

As posições dos participantes nas orações, principalmente na segunda fase, mostram a realidade vivenciada pelas personagens. Na representação de Sacolinha, Burdão é participante beneficiário e Lúcio ou algum policial aparece, predominantemente, como participante ator, portanto, a forma das orações sofre influência direta do contexto. Burdão é construído como vítima, e Lúcio, agressor, ou seja, as escolhas lexicais do escritor revelam sua experiência de morador da periferia, onde um dos principais agressores é a polícia. Van Leeuwen (1998), por seguir a análise crítica, explica que essas escolhas constroem os atores sociais, pois, estão intrinsecamente relacionados à realidade experienciada.

Os processos mentais, na segunda fase, mostram a crise identitária de Burdão, que após sofrer toda violência torna-se um criminoso. Na terceira fase, Burdão aparece como ator de violências, portanto, sua posição nas orações também é alterada, de participante beneficiário dos processos materiais torna-se o ator nas orações. Burdão passa a ter poder, que lhe dá força para igualar-

se a seus inimigos, mas tal poder é utilizado contra toda sociedade, portanto, esta também é considerada inimiga de Burdão.

Esta representação revela uma justificativa para a violência social, pois, Burdão não nasce bandido, não tem origens no crime, mas as condições sociais, especificamente, a violência sofrida por parte da polícia o levam ao mundo do crime, portanto, essa representação possibilita entender o criminoso como uma vítima da sociedade.

A segunda e a terceira perguntas são:

- 2- Qual a relação entre as escolhas léxico-gramaticais e o contexto de situação e como as mudanças no contexto de situação são evidenciadas nas escolhas e vice-versa?
- 3- Como as escolhas léxico-gramaticais mostram a reconstrução da identidade de Burdão?

Essas questões são respondidas diretamente pelos tipos de processos que acompanham Burdão em todo o texto. Para explicitar essa situação apresento um paralelo entre os processos da primeira e a terceira fase.

Os tipos de processos mostram duas identidades de Burdão. A identidade de Burdão, na primeira fase do livro, tem as seguintes características:

- Dizente de mensagens com conteúdo de solidariedade
- Deseja ajudar as pessoas e gosta de ler
- Agente de boas ações
- Possuidor de características positivas
- Com um comportamento tranquilo

A identidade de Burdão, na terceira fase, tem como características:

- Dizente de maldade
- Desejo de vingança
- Ator de violência
- Possuidor de características negativas
- Comportamento agitado e nervoso

A mudança da identidade de Burdão está ligada a opressão sofrida. Para sobreviver, ele precisa se reorganizar e reconstruir seus valores, juntamente, com pessoas que o aceitem como igual, ou seja, esse é “o fenômeno da segunda vida” (Halliday, 1982: 239). Como há uma mudança na identidade e no contexto de situação de Burdão, as escolhas léxico-gramaticais, o representam de outra forma, diferente da primeira e segunda fases, pois agora ele é representado como um bandido. Burdão, enquanto criminoso, precisa agir de forma violenta, dar ordens à sua quadrilha, pensar na sua sobrevivência, portanto, seu comportamento é outro.

Contribuições e sugestões para novos estudos

Esta pesquisa contribui com os estudos da Linguística Aplicada contemporânea e com as áreas das diferentes ciências, que tenham como objetivos discutir os problemas sociais. No decorrer da pesquisa, algumas questões foram tocadas, possibilitaram investigações futuras.

Esta investigação revela como a polícia é representada no livro “*Graduado em Marginalidade*”. É importante salientar que os textos dos artistas da periferia tendem a descrever a polícia como seu grande inimigo.

Santos (2011), analisando textos jornalísticos, mostrou que, nos jornais impressos, 70% das falas sobre violência contra jovens, são realizadas pela instituição polícia. Na investigação dessa pesquisadora, os artigos jornalísticos

quando tratam de violência contra os jovens, abrem espaço para as explicações da polícia. Tal realidade abre espaço a algumas indagações, pois, se a polícia é um dos agressores denunciado, em textos como o livro *Graduado em Marginalidade*, por que nos textos jornalísticos é quem explica sobre violência?

Os artistas da periferia tendem a reforçar a representação expressa no livro analisado. O verso do famoso grupo de Rap brasileiro, Racionais MC's, "quem é preto como eu já tá ligado qual é, nota fiscal, RG, polícia no pé", mostra o tipo de preconceito exercido pela polícia.

No decorrer da investigação, também, foi abordada a temática antilinguagem. Essa possui um caráter criptográfico, para assegurar os significados das pessoas da anti-sociedade. A antilinguagem só pode existir a partir da existência de uma anti-sociedade, ou seja, mesmo um pesquisador em campo terá dificuldades de desvendar os significados da antilinguagem, pois ele não pertence ao grupo.

Os vocábulos de antilinguagem utilizados pelo escritor Sacolinha, comprovam as considerações expostas nos estudos de Halliday (1982), onde enfatizou que a anti-sociedade deixa seus traços linguísticos na sociedade. Hoje, vocábulos como *cagueta*, *os homens* e *ferro* nas periferias são comumente usados porque ultrapassaram as barreiras da anti-sociedade.

Como é pressuposto da LSF, o contexto age diretamente no texto, por isso, uma pesquisa com foco na linguagem, em muito, contribui com estudos sobre a sociedade. A investigação sobre a antilinguagem toca diretamente em problemas sociais, pois estuda-la pressupõe compreender a relação existente entre sociedade e a anti-sociedade.

Esta pesquisa propõe que o conceito de anti-sociedade seja pensado como dois pólos, sendo um deles o lunpen-proletário. Esse polo, formado pelo lunpen-proletário, tende a ser a anti-sociedade criminosa, devido às condições materiais de sua existência. O outro polo, bem como o que há entre esta polarização, fica como sugestão a estudos futuros.

A antilinguagem das anti-sociedades criminosas, existe dentro da periferia porque as situações de exclusão social forçam, os seres humanos mais excluídos, a participarem do crime. A reorganização da anti-sociedade,

tende a ocorrer nas comunidades periféricas, uma vez que os excluídos economicamente, em sua ampla maioria, vivem precariamente nas favelas, ocupações e cortiços. Essa condição material constrói a periferia como ambiente natural da reorganização da anti-sociedade criminosa.

Enquanto pesquisador ligado à periferia e seguidor de Rajagopalan (2008) que defende a pesquisa crítica, não posso ignorar o fato de que há pouco tempo atrás era corriqueiro, nas comunidades, os conflitos de quadrilhas ou de traficantes independentes, devido a inexistência das políticas públicas. Esta inexistência do Estado moveu moradores, como os próprios escritores de literatura marginal, pessoas organizadas em prol de sua comunidade, buscando salvar pessoas do crime, das drogas e da prostituição.

O livro analisado expressa uma visão de mundo sobre a construção da identidade marginal. Na representação do livro, fica explícito como a vida, se desprestigiada, ensina e gradua alguém no mundo perverso. Por isso, investigar realidades como a da periferia, significa buscar uma melhoria social, aos excluídos socialmente.

Referências

Barbara, L. & Macedo, C.M.M (2009). *Lingüística Sistêmico-Funcional para análise de Discurso: um panorama introdutório*. Cadernos de Linguagem e Sociedade.Thesaurus.UNB.

Barbara, L. & C. A. M. GOUVEIA (2004). *It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese*. In BANKS, D.(ed.): *Text and Texture: Systemic Functional viewpoints on the nature and structure of text*. Paris: L'Harmattan: 159-172.

Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro. Zahar

Beier, L. (1996) *Antilinguagem ou jargão? A gíria do submundo inglês nos séculos XVI e XVII*. In: Burke & Porter (org). *Línguas e Jargões: contribuição para uma história social da linguagem*. São Paulo. UNESP

Berber-Sardinha, A.P. (2004). *Lingüística de corpus*. Barueri: Manole

Berber-Sardinha, A.P.(2006). *Pesquisa em Lingüística de Corpus com WordSmith Tools*. São Paulo.

Berber-Sardinha, A. P. (2002). *O que é um corpus grande*. The ESPecialist. Volume 23, n° 2, 2002.

Berger.P.L & Luckman (1996). *A Construção social da realidade*. São Paulo. 32ª edição. Editora Vozes.

Burke, P. (1996) *Introdução*. In: Burke & Porter (org). *Línguas e Jargões: contribuição para uma história social da linguagem*. São Paulo. UNESP

Cabral, S.R,S, e C. Fuzer (2010). *Gramática Sistêmico Funcional em Língua Portuguesa*. UFSM, RS

Caros Amigos Especial (2001). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato I*. São Paulo.

Caros Amigos Especial (2002). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Ato II*. São Paulo.

Caros Amigos Especial (2004). *Literatura Marginal: a cultura da periferia: Atolll*. São Paulo.

Ciampa. A.C (2007).*Identidade*. In:Lane, S.T.M & Godo, W.(org). *Psicologia Social: o homem em movimento*.São Paulo. Brasiliense: 58-75

Eggins, S. (1994). *An Introduction to Systemic Functional Grammar*. Printer Publishers.

_____ (2002). *Introducción a la Lingüística Sistémica*. Traducción Felipe Alcántara. Universidad de la Rioja

Eggins, S & Martin (2000). *Géneros y Registros del discurso*. In: van Dijk (compilador). *Estudios del discurso: Introducción multidisciplinaria*, v, p.335-371

Eggins, S. (2002) *Introducción a la Lingüística Sistémica*. Traducción Felipe Alcántara. Universidad de La Rioja.

Fairclough, N (1989). *Language and power* : Londres: Longman.

Fairclough, N (2001). *Discurso e mudança social*. Tradução coordenada por Izabel Magalhães. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

Ferréz (2005), *Terrorismo Literário*. In: (org.) *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir.

Hall, S (2005). *A identidade cultural nas pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A.

Halliday, M.A.K.(1982) *El lenguaje como semiótica social: La interpretación social del lenguaje y del significado*. Trad. Jorge Ferrero Santana. México: Fondo de cultura Económica.

_____ 1985. *An introduction to functional grammar*.

_____ 1994. *An introduction to functional grammar*. London:Edward Arnold

Halliday, M.A.K; Matthiessen, C. 2004. *An introduction to functional grammar*. Third Edition. London. Revised by Matthiessen, C.M.I.M.

Ikeda, S. N. & Vian Jr., O. (2006). *A análise do discurso pela perspectiva sistêmico-funcional*. In: LEFFA, V. (org.). *Pesquisa em Lingüística Aplicada - Temas e Métodos*. 1ª ed. Pelotas: Educat.: 37-75.

Kress, G. & Van Leeuwen, T. *Reading images: the grammar of the design visual*. 2 ed. London: Routledge, 2006.

Kress, G. (1998), *Considerações de carácter cultural na descrição linguística: para uma teoria social da linguagem*. In: Pedro Analise crítica do discurso; uma perspectiva sociopolítica e sociocultural. 1ª ed. Caminho

Lima-Lopes, R. E. (2001). *Estudos de Transitividade em Língua Portuguesa - O Perfil do Género Cartas de Venda*. Dissertação de Mestrado, LAEL-PUC/SP.

Matthiessen, C.M.I.M. (1995). *Lexicogrammatical cartography*. International Language Sciences Publishers.

Magalhães, C & Novodvorski, A (2010). *A semiótica visual e a questão da identidade racial: uma leitura sistêmico-funcional em duas capas de literatura*

infanto-juvenil brasileira. In: E. Ghio & M. A. Fernandez. Orgs.. *Estudios de LSF en lengua española y lengua portuguesa - Colección Ciencia y Técnica*. Santa Fé - Argentina: Centro de Publicaciones, UNL

MARTIN, J. R (2004). Positive discourse analysis: solidarity and change. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*:179-202, 2004.

Marx, K. & Engels, F. (1987) *Manifesto Comunista*. Edições progresso.

Marx, K. (1996). *O capital: crítica econômica política*. Editora Nova cultural

Marx, K.1984. *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*. 2. ed. Lisboa: Avante

Moassab, A (2008). *Brasil periferia(s): A comunicação insurgente do Hip-Hop*. Dissertação de Mestrado, PUC-SP.

Moita-Lopes, L. P. (1994). *Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição*. Delta 2 (10): 329-338

Moita-Lopes, L. P. (1998). *A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada* In : Signorini, I. & Cavalcanti, M (orgs.). Linguística aplicada e transdisciplinaridade.Campinas: Mercado das Letras.

Moita-Lopes, L. P. (2008). *Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica - interrogando o campo como lingüista aplicado*. In: MOITA LOPES, L. P. da (org). Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Parábola. p. 13-42.

Moreno, Nahuel (s.d.) *A Moral e a Atividade Revolucionária*. ms.

Nascimento, E. P. (2006). *"Literatura marginal": Os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.

Pennycook, A (2008). *Repensar o papel da L.A. in: L.P. Moita Lopes(org) Por uma L.A indisciplinar*. Parábola Editorial.

Pennycook, A (1998). *A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica*. In : Signorini, I. & Cavalcanti, M (orgs.). Linguística aplicada e transdisciplinaridade.Campinas: Mercado das Letras.

Preti, D. (2000). *A gíria na língua falada e na língua escrita: uma longa história de preconceito social*. In: Dino,P.(org).Fala e escrita em questão. São Paulo Humanitas: 241-257

Rajagopalan, K. e Ferreira, D. M. M. (orgs) (1998). *Políticas em Linguagem: Perspectivas Identitárias*. São Paulo: Editora Mackenzie.

Rajagopalan, K. (2003). *Por uma lingüística Crítica: linguagem, Identidade e a Questão ética*. São Paulo. Parábola.

Rajagopalan, K. (2004). *Resposta aos meus debatedores*. in: Lopes da Silva, F. & Rajagopalan, K. (Orgs). *A lingüística que nos faz falha*, p. 166-231.

Rajagopalan, K. (2008). *Repensar o papel da lingüística aplicada*. In: Moita-Lopes, L. P. da. (org). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. 2ª ed. São Paulo: Parábola. p. 149-168.

Sacolinha. (2005). *Graduado em marginalidade*. São Paulo. Scortecci..

Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro. Record

Santos, D.O.M (2011). *Notícias sobre adolescentes em situação de vulnerabilidade social: uma análise das vozes á luz da sistêmico-funcional*. Dissertação de mestrado. PUC-SP

Scott, M. R. (2008). *Wordsmith Tools*. Oxford University Press.

Sève, L. (2001) *Começar pelos fins: A nova questão comunista*. Portugal. Campo das letras.

Thompson, G. (1996). *Introducing Functional Grammar*. Edward Arnold.

Trotsky, L.(2007). *Literatura e Revolução*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar

Van Leeuwen, T. (1998), *A Representação dos actores sociais*. In: Pedro Analise crítica do discurso; uma perspectiva sociopolítica e sociocultural. 1ª ed. Caminho

Vian JR., O. (2010). *Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: A análise de discurso Positiva* In: Cadernos de Linguagem e Sociedade, 11 (2)

Anexos

O romance *Graduado em Marginalidade* conta a saga do jovem Vander, conhecido como Burdão, e tem como cenário uma pobre comunidade chamada Vila Clementina, em Brás Cubas, distrito de Mogi das Cruzes, grande São Paulo. No início da obra, Jorge (Jorjão), pai de Burdão, é assassinado em uma emboscada, na qual bandidos tentavam levar seu caminhão. Complicando ainda mais a situação de Burdão, esse fato culminou com o agravamento dos problemas de saúde de Dona Marina, sua mãe.

A morte de Jorjão revoltou toda a comunidade, mobilizando os amigos de Burdão: Sandrão e Vladi, em solidariedade com a família que vivia a complicação da narrativa. Simultaneamente aos problemas que ocorriam com Burdão – sua mãe moribunda devido à morte de seu pai; condições financeiras precárias, já que o trabalho de Jorjão era a única renda da família –, começa a ocorrer uma disputa territorial do narcotráfico entre policiais, sob o comando de Lúcio Tavares e o traficante Escobar. Essas situações vão movimentar toda a narrativa, pois tanto a família de Burdão como o traficante Escobar eram muito respeitados na comunidade.

Lúcio Tavares, junto a outros policiais, em uma operação violenta, elimina todo o bando de Escobar e passa a administrar os negócios na Vila Clementina. A partir disso, a relação entre narcotráfico e comunidade terá outra conotação, pois Escobar respeitava seu povo, inclusive, a ponto de emprestar dinheiro às pessoas e não cobrar aluguéis, motivos os quais diferenciam qualitativamente os dois traficantes. Lúcio priorizará seu lucro, a expansão dos negócios, em detrimento das necessidades da comunidade. Para isso, o novo comandante do narcotráfico passa a prender e a matar qualquer um que venha a atrapalhá-lo. Nesse momento, entra em cena o conflito entre Lúcio e Burdão, que se recusa a ingressar no tráfico, diferentemente da maioria dos jovens da Vila Clementina.

A narrativa do livro mostra a pobreza das famílias dessa comunidade, como o fato de a morte da mãe de Burdão ocorrer em um hospital público, por exemplo. Ademais, Burdão, sem emprego, só consegue dar sequência à sua vida com a ajuda de Dona Carmem e sua filha Rebeca, futura esposa de Burdão.

Com o desenrolar do romance, Burdão e seus amigos desempregados passam a procurar emprego e, em certo momento, encontram Lúcio. Como parte da tarefa de expandir seus negócios, este vinha recrutando jovens para o narcotráfico e convoca, compulsoriamente, Burdão e seu amigo Sandrão, que logo recusam e, por isso, passam a ser perseguidos. Por vingança, Lúcio criou uma falsa operação da polícia e, injustamente, encarcerou Burdão.

O jovem é preso sem comunicar a qualquer pessoa e permanece meses refletindo sobre sua vida, o quanto vinha sofrendo pela perda dos pais e o afastamento de sua comunidade. Nesse momento, outro personagem, João Ligeiro, entra em cena e muda a trajetória de Vander. O novo personagem era um velho malandro da comunidade, que havia sido preso injustamente e, também, por outra armação de Lúcio.

João Ligeiro era um ladrão respeitado na Vila Clementina, conhecido por todos. Através da visita de sua mulher e devido à sua fluência, Burdão consegue enviar um recado para sua vizinha Dona Carmem. Após esse contato, Rebeca e Dona Carmem passaram a visitar Vander na cadeia frequentemente e, assim, novos rumos ocorrem na vida do protagonista desta narrativa. Rebeca, durante as diversas visitas a Vander, além de alimentos, levava diversos livros, tais como: biografias de Che Guevara, Carlos Mariguela, Fidel Castro etc, os quais, sem dúvida, propiciaram reflexões a Burdão.

Sua vida continuava no mesmo marasmo até saber que o bando de Lúcio matou seu amigo Vladi e sua mãe devido a dívidas de drogas. Com isso, o ódio transformou seus objetivos; e aquele personagem pacífico e paciente deixa a cena e adentra um vingativo, com seus vários planos: o primeiro foi sair da cadeia, fingindo estar doente. Após insistentes vômitos, consegue uma transferência para um hospital público, momento em que mata um guarda durante o percurso e foge.

Entretanto, seus planos necessitavam de ajuda. Então, foi buscar refúgio na casa de Pacola, personagem que lhe ajuda a efetivar seu segundo plano: voltar à cadeia armado e libertar João Ligeiro e Benon.

Burdão e seus comparsas discutem seus futuros planos; contudo, para colocá-los em prática, precisam de dinheiro. Para conseguir isso, um assalto a banco é planejado e concretizado com sucesso. Após esse feito, por motivos de segurança, permanecem alguns meses “entocados” na casa de Pacola, que

morava na cidade de Itaquaquetuba. Depois de meses reclusos, Vander resolve colocar em prática seu último e crucial plano.

Para isso, precisou disfarçar-se de mendigo e sondar a Vila Clementina. Depois de algumas horas mapeando os movimentos dos traficantes, aciona Pacola e os outros para entrar em ação: expulsar o bando de Lúcio da comunidade, passando a administrar os negócios na comunidade. Horas de trocas de tiros comandam a cena, mas o bando de Lúcio é expulso. Desse dia em diante, a rotina no cotidiano da comunidade passa a ser tranquila como antes, no entanto, com outro traficante a frente dos negócios: Vander, o Burdão.

Assim, a referência do tráfico passa a ser de solidariedade para com os moradores da Vila Clementina. Extinguem-se os alugueis e o recrutamento dos jovens; novas relações emergem entre líderes comunitários e traficantes, como, por exemplo, o financiamento de uma grande festa natalina para toda a comunidade no terreiro da mãe Ditinha de Aiyá.

Burdão, casado com a futura mamãe Rebeca, desfruta dos momentos pacíficos que vivia, mas sempre na eminência da vingança de Lúcio, pois sabia que este planejava reconquistar seus negócios e, para isso, teria que matar a todos.

Algumas horas após a festa natalina, chega a notícia de que Pacola e sua mulher foram mortos dentro de casa. Burdão logo soube de quem era a autoria do crime e resolveu preparar-se para receber Lúcio. Enquanto isso, algumas pessoas avisam Burdão que Lúcio e alguns policiais já estavam na comunidade. João Ligeiro, Benon e Burdão, taticamente, dividem-se, mas já era tarde para evitar o encontro com os policiais e Lúcio, pois este estava na casa de Burdão, cuja esposa grávida de alguns meses dormia tranquilamente. Esta, ao ser acordada por Lúcio, reluta em denunciar onde seu marido estava e, por isso, é morta a tiros.

A partir desse episódio, as narrativas do livro descrevem o tiroteio em diferentes espaços, relatando as sucessivas mortes. O primeiro a morrer é Benon; Burdão e seu filho, cegos de ódio pela morte de Rebeca, unem-se a João Ligeiro e saem na captura de Lúcio, mas, após matarem alguns policiais, são mortos violentamente pelo antigo líder do tráfico na comunidade, concluindo a saga.